



**UFAM**

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**INDÍCIOS DA PRÁTICA DE GINÁSTICA PARA TODOS (GPT): RELATOS DE  
PROFISSIONAIS ATUANTES EM MANAUS A PARTIR DE 1970**

**Mestranda:** Meriane Teixeira de Matos

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Artemis de Araújo Soares

CAAE n° 38156820.4.1001.5020

MANAUS / AM

2023

**MERIANE TEIXEIRA DE MATOS**

**INDÍCIOS DA PRÁTICA DE GINÁSTICA PARA TODOS (GPT): RELATOS DE  
PROFISSIONAIS ATUANTES EM MANAUS A PARTIR DE 1970**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Artemis de Araújo Soares

**CAAE n° 38156820.4.1001.5020**

MANAUS / AM

2023

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M433i Matos, Meriane Teixeira de  
Indícios da prática de ginástica para todos (GPT) : relatos de profissionais atuantes em Manaus a partir de 1970 / Meriane Teixeira de Matos . 2023  
86 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Artemis de Araújo Soares  
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Ginástica para todos. 2. Cultura. 3. Manaus. 4. Amazônia. I. Soares, Artemis de Araújo. II. Universidade Federal do Amazonas  
III. Título

MERIANE TEIXEIRA DE MATOS

**DA GINÁSTICA GERAL À GINÁSTICA PARA TODOS:** uma trilha com muitas histórias no contexto cultural amazônico

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa: Sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

**Orientadora:** Artemis de Araújo Soares.

**Aprovado em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Artemis de Araújo Soares – Presidente**  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

**Profa. Dr. João Luiz da Costa Barros – Membro**  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

**Prof. Dra. Sheila Moura do Amaral – Membro**  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por mais uma conquista, e um dos versículos que sempre trazia a memória era “Sabemos que tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8:28)”, e essa jornada acadêmica é resultado de um grupo de amigos que não me deixaram fraquejar e todas as vezes que eu queria desistir recebia palavras e ações de encorajamento para seguir em frente.

Obrigada família, Anabella, talvez um dia tu possas compreender os momentos de ausência e as tuas palavras motivacionais que enchem o meu coração de alegria, me dando suporte para prosseguir, gratidão aos meus pais e meus irmãos que acompanharam e acompanham todo o meu esforço e caminhos percorridos.

Trago a pessoa, minha orientadora Profa. Dra. Artemis Soares, de um coração enorme e que não deixou de acreditar em mim, mesmo quando eu não me sentia capaz, por fora uma mulher guerreira e poderosa e por dentro que ser humano lindo, você é uma grande educadora e sem dúvida possui uma determinação enorme, mesmo quando eu queria sumir, ia a minha procura e não me deixou desistir, eu nunca conseguiria pagar tudo o que você fez por mim, eu só posso desejar e pedir ao pai celestial que continue lhe protegendo e lhe abençoando cada dia mais.

À banca minha grande estima, obrigada por me ajudarem nesse processo e por enriquecerem ainda mais nossa escrita, cada conselho, sugestão, correção nessa dissertação para se tornar um trabalho importante em nosso meio acadêmico.

Agradeço a professora Lionela e a minha amiga Enoly pelas palavras e conselhos acolhedores, vocês são grandes mulheres que ajudam a construir nossos sonhos, vocês fazem parte disso.

Ana, você é tão paciente, obrigada de coração por toda ajuda, as ligações, ao meu resgate quando eu “sumia”, sem você nesse processo talvez tivesse desistido, saiba que sou sua fã e a tua história é fantástica.

Obrigada Mone, tu mesmo com os teus desafios diários, não deixava de me aconselhar e me manter no foco, você foi e é um dos grandes presentes desse mestrado.

Gratidão ao meu grupo de amigos (GA) da Nova Igreja Batista que não deixou de orar e ouvir os meus choros, vocês me amaram em oração e em encorajamento, sou grata a Deus pela vida de vocês e por compartilharem esse momento muito importante em minha vida.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a todos que torceram por mim e que dedicaram o seu tempo, a sua inteligência e os seus recursos, sem amigos eu não conseguiria chegar aqui, que vocês possam realizar os seus sonhos e tenham abundância em todas as áreas da vida de vocês.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b> - Em festividade um grupo de jovens indígenas em execução do ritual.....	46
<b>Figura 02</b> - Trecho coreografia SOS Amazônia .....	50
<b>Figura 03</b> - Trecho da Coreografia Identidade Amazônica .....	50
<b>Figura 04</b> - Trecho da Coreografia Cena da Coreografia Identidade .....	52
<b>Figura 05</b> -Salto por cima do fusca em 1973. ....	59
<b>Figura 06</b> - Salto por dentro do aro com fogo em 1973. ....	59
<b>Figura 07</b> - Desfile cívico em Manaus em 1999.....	61
<b>Figura 08</b> - Formação da Bandeira do Brasil.....	62
<b>Figura 09</b> - Símbolo encontrado nas caravelas na época do Descobrimento do Brasil.....	63
<b>Figura 10</b> - Figura Geométrica utilizada no desfile cívico.....	65
<b>Figura 11</b> - No evento de Macro Ginástica (Hildecy Freire, Idage Abraham e Patrícia Vaz). ....	69
<b>Figura 12</b> - Painel Humano. ....	70

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

- GPT** Ginástica Para Todos
- CBG** Confederação Brasileira de Ginástica
- CEP** Comitê de Ética em Pesquisa
- UFAM** Universidade Federal do Amazonas
- FEFF** Faculdade de Educação Física e Fisioterapia
- FEG** Federação Europeia de Ginástica
- FIG** Federação Internacional de Ginástica
- GAM** Ginástica Artística Masculina
- GAJ** Ginástica Artística Feminina
- GR** Ginástica Rítmica
- GAE** Ginástica Aeróbica
- GTR** Ginástica de Trampolim
- GACRO** Ginástica Acrobática
- CBD** Confederação Brasileira de Desportos
- PRODAGIN** Programa de Atividade Circense e Ginástica
- GYMNUSP** Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica da USP
- USP** Universidade de São Paulo
- FAG** Federação Amazonense de Ginástica
- IEA** Instituto de Educação Física do Amazonas
- GRD** Ginástica Rítmica Desportiva
- JEB** Jogos Escolares Brasileiro
- SEDUC** Secretaria de Estado de Educação

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1.</b> Informações gerais dos entrevistados .....	51-52
---	-------

## **RESUMO**

Neste trabalho nos debruçamos a tecer a história da Ginástica Para Todos (GPT) em Manaus, para mostrar a trajetória de professores pioneiros de nossa região que, para além de incutir uma prática de cunho mais integrador, permitiu disseminar a cultura regional, deixando evidente que mesmo ao praticar ginástica geral ou de grande área, a GPT estava presente nas coreografias desenvolvidas em nossa região. Objetivo geral é desvelar do histórico da ginástica para todos em Manaus, por meio das memórias e traços históricos dos profissionais que atuaram no âmbito da ginástica em Manaus, antes mesmo de ter a sua consolidação e nomenclatura estabelecida, utilizando a cultura Amazônica como pano de fundo em suas coreografias. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo de Bardin (2016), a análise se organiza em torno de três polos cronológicos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Evidenciou-se que nos eventos cívicos, a ginástica estava presente e contava com um número expressivo de participantes, visto que nos discursos dos personagens o principal foco era a inclusão, pois a participação de todos era um dos objetivos principais. Logo, podemos considerar que a GPT já era praticada em nosso Estado, antes mesmo da consolidação. Quanto aos elementos, a cultura nortista tem estado presente e com uma mensagem a ser passada, como o caso das lutas indígenas, com destaque na cidade de Manaus. Trazer para o desfile nossas histórias e nossas lendas por meio de personagens místicos contagiava os espectadores e pares da ginástica, além disso, atualmente a GPT vem se desenvolvendo por meio de pesquisadores que realizam as suas pesquisas dentro dessa temática.

**Palavras-chave:** Ginástica Para Todos; Cultura; Manaus.

## **ABSTRACT**

In this work, we focus on weaving the history of Gymnastics for All (GPT) in Manaus, to show the trajectory of pioneering teachers in our region that, in addition to instilling a more integrative practice, allowed the dissemination of regional culture, making it clear that even when practicing general or large area gymnastics, GPT was present in the choreography developed in our region. The general objective is to reveal the history of gymnastics for everyone in Manaus, through the memories and historical traits of professionals who worked in the field of gymnastics in Manaus, even before its consolidation and nomenclature was established, using the Amazon culture as a backdrop. in their choreography. The methodology used was Bardin's content analysis (2016), the analysis is organized around three chronological poles: pre-analysis, material exploration and treatment of results. with a significant number of participants, since in the speeches of the characters the main focus was inclusion, as the participation of all was one of the main objectives. Therefore, we can consider that the GPT was already practiced in our State, even before the consolidation. As for the elements, northern culture has been present and with a message to be passed on, as in the case of indigenous struggles, especially in the city of Manaus. Bringing our stories and legends to the parade through mystical characters told spectators and gymnastics peers, in addition, currently the GPT has been developing through researchers who carry out their research within this theme.

**Keywords:** Gymnastics for All, Culture; Manaus.

## SOMMAIRE

Dans ce travail, nous nous concentrons sur le tissage de l'histoire de gymnastique pour tous (GPT) à Manaus, pour montrer la trajectoire des enseignants pionniers dans notre région qui, en plus d'inculquer une pratique plus intégrative, a permis la diffusion de la culture régionale, la rendant clair que même lors de la pratique de la gymnastique générale ou de grande surface, la GPT était présente dans les chorégraphies développées dans notre région. L'objectif général est de dévoiler l'histoire de la gymnastique pour tous à Manaus, à travers les souvenirs et les traits historiques des professionnels qui ont travaillé dans le domaine de la gymnastique à Manaus, avant même que sa consolidation et sa nomenclature ne soient établies, en utilisant la culture amazonienne comme toile de fond. dans leur chorégraphie. La méthodologie utilisée était l'analyse de contenu de Bardin (2016), l'analyse s'organise autour de trois pôles chronologiques : pré-analyse, exploration matérielle et traitement des résultats avec un nombre important de participants, puisque dans les discours des personnages l'accent principal était l'inclusion , car la participation de tous était l'un des principium objectifs. Dès lors, on peut considérer que le TPG était déjà pratiqué dans notre Etat, avant même la consolidation. Quant aux éléments, la culture nordique a été présente et porteuse d'un message à transmettre, comme dans le cas des luttes indigènes, notamment dans la ville de Manaus. Apporter nos histoires et légendes au défilé à travers des personnages mystiques racontés aux spectateurs et pairs gymnastes, de plus, actuellement le GPT se développe à travers des chercheurs qui mènent leurs recherches dans ce thème.

**Mots Clés:** Activité physique. Gymnastique pour tous. Région Amazonienne

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO I – GINÁSTICA .....	18
1.1 Ginástica e GPT em Manaus .....	18
Ginástica no Brasil .....	20
Ginástica em Manaus .....	21
GPT .....	22
1.2 A releitura da cultura amazônica pela GPT.....	27
1.3 O corpo na perspectiva da GPT.....	33
CAPÍTULO II –A REPRESENTAÇÃO DOS MITOS E RITOS AMAZÔNICOS NAGPT.....	39
2.1 A beleza, a importância e o significado de elementos da cultura amazônica.....	39
2.2 O processo de escolha de mitos da cultura amazônica e sua incorporação nas coreografias da GPT 42	
2.3 A presença da cultura amazônica vivenciada nas coreografias da GPT como elementos vivos. ....	47
CAPÍTULO III - O ENCONTRO DA GPT COM OS DESBRAVADORES NOAMAZONAS.....	52
3.1 Trilhas percorridas: personagens, criação da Federação Amazonense de Ginástica(FAG).....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
REFERÊNCIAS .....	71
ANEXOS .....	78
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) .....	78
APÊNDICE.....	83
ENTREVISTA COM THALES VERÇOSA .....	83
ENTREVISTA COM AFONSO NINA .....	83
ENTREVISTA COM AS DEMAIS PARTICIPANTESQUESTIONÁRIO .....	84
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	85

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos a ginástica é uma prática que vem sendo utilizada com objetivos e diferentes manifestações. Dialogamos na direção do estudo sobre a Ginástica Para Todos - GPT, antes mesmo de ter sua consolidação e nomenclatura, colocando em relevância a relação entre a cultura amazônica e os movimentos gímnicos presentes por meio da construção de suas coreografias com temáticas amazônicas.

De acordo com a Confederação Brasileira de Ginástica - CBG (2021), a GPT é uma modalidade bastante abrangente. Está fundamentada atividades de ginásticas, isto é, as ações gímnicas devem estar presentes, porém, integrando vários tipos de manifestações e elementos da cultura corporal, tais como danças, expressões folclóricas, jogos, dentre outras, expressões através de atividades livres e criativas.

Para entender como essa prática esteve presente em nossa região. É necessário buscar informações com personagens que foram importantes para o avanço da modalidade, portanto, ouvir e escrever esses fatos vai nos possibilitar entender esse processo, bem como revelar a participação e a colaboração dessas personalidades que foram primordiais para que a ginástica alcançasse maiores patamares no Amazonas (CORRÊA; NUNES; SOARES, 2020).

Ao longo da minha formação acadêmica eu fui apresentada à prática da Ginástica Para Todos (GPT), a qual me encanei e trabalhei com o que eu sempre buscava, uma prática que não exclui por falta de habilidades e que desde a criança até o idoso pudesse participar, pois a GPT trabalha pelo viés dos 4<sup>os</sup> Fs, sendo eles: Fun, Fitness, Fundamentals and Friendship (Diversão, Aptidão, Fundamentos e Amizade), podendo ser utilizados aparelhos ou não, sejam oficiais ou alternativos, a dança e outras práticas corporais (FIG, 2021).

No ano de 2019, viajamos para Caldas Novas, para participarmos do VIII Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos e do GYMBRASIL levando nossa cultura regional com duas coreografias “Lamento de Raça” e “Identidade Amazônica” enfatizando essa luta do índio pela sua terra, bem como a destruição da fauna e flora. No ano de 2020 participamos de um festival *online*, no qual construímos a coreografia “Amazonas: identidade cabocla” por meio do envio de vídeo, abordando a vida ribeirinha enaltecendo a cultura e a beleza de nossa região.

Através desses trabalhos coreográficos, afluí-me um desejo de entender se encontraríamos indícios dessa prática anteriormente, para colaborar com o registro das memórias e da construção da história da GPT antes de sua consolidação como tal, assim também almejando a valorização dos profissionais que se esmeraram através da ginástica como uma modalidade representante da nossa cultura.

O nosso objetivo geral foi desvelar do histórico da ginástica para todos em Manaus, por meio das memórias e traços históricos dos profissionais que atuaram no âmbito da ginástica em Manaus, antes mesmo de ter a sua consolidação e nomenclatura estabelecida, utilizando a cultura Amazônia como pano de fundo em suas coreografias. Tendo como objetivos específicos: Traçar a ginástica em Manaus com foco na cultura amazônica por meio da GPT; Entender a representação dos mitos e ritos amazônicos na GPT e a sua incorporação nas coreografias de GPT; conhecer através dos relatos os personagens que ajudaram a construir a história da ginástica em nossa região por meio de entrevistas.

Essa pesquisa se caracteriza como pesquisa sócio-histórica que, segundo Liberali (2008), abrangem eventos já ocorridos, com foco nas pessoas, organizações e instituições. Pautada na abordagem qualitativa e como ferramenta para coleta de dados utilizamos entrevistas, assim sendo, o método de investigação, a história oral.

Os participantes da pesquisa foram personagens atuantes no contexto da ginástica de grande área, sendo estes, 5 mulheres (Jeanne Abreu, Patrícia Machado Vaz, Kathya Lopes, Hyldelcy Freire) e 2 homens (Thales Verçosa e Afonso Nina), com menção especial a professora Dra. Artemis Soares que foi citada por quase todos os participantes, por sua contribuição honrosa na área da ginástica. Exerceram diferentes papéis: ex-presidentes de clubes, ex-técnicas, ex-ginastas ou professores. Esses foram escolhidos justamente pelos critérios de inclusão: ter contribuição direta com a ginástica em nossa região; Ter participado dos eventos que se utilizavam da ginástica para todos (antiga ginástica geral).

Após envio e aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE nº **38156820.4.1001.5020**, na Universidade Federal do Amazonas – CEP/UFAM iniciamos a coleta de dados. Através de um questionário de perguntas elaborado pelos pesquisadores, o qual abordou sobre o papel exercido, os eventos, as coreografias trabalhadas para entender de que forma a ginástica de demonstração se fazia presente no contexto regional.

Utilizamos a entrevista semiestruturada, que é bastante utilizada por permitir a delimitação do volume de informação para direcionamento mais aprofundado do tema, podendo-se realizar uma intervenção a fim de alcançar os objetivos podendo-se até permitir uma interrogação (BONI e QUARESMA, 2005).

A entrevista semiestruturada não apenas colhe as informações, mas também obtém a compreensão da realidade social, assim como o entendimento das motivações pessoais dos agentes sociais, como suas crenças, sentimentos, opiniões e valores (LAVILLE E DIONE, 1999).

Em relação a experiência da realização de uma entrevista, Alberti (2011) mostra:

O quão prazeroso é para o pesquisador o momento da entrevista com seu entrevistado. Nisto ela afirma que “uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu”. (ABERTI, 2011, p. 170).

As fontes orais além de contarem o que o povo fez e as suas intenções, ou seja, o que queriam fazer, o que considerava está fazendo ou o que atualmente pensa que fez (PORTELLI, 1997). O levantamento da narrativa que externa um grande empenho do elo entre o relator e a sua história. Ele comenta sobre a credibilidade das fontes orais:

Fontes orais são aceitáveis, mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral se situa não em sua aderência ao fato, mas em preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos checado a sua credibilidade factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em que qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que as afirmações “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis (PORTINELLI, 1997).

A história oral na utilização como método de pesquisa, torna-se importante quanto ao recurso documental derivado de uma entrevista, ou seja, o documento gerado a partir das narrativas, como mostra Ferreira (2012), que “na história oral, existe a geração de documentos (entrevista) que possuem uma característica singular, é o resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo (FERREIRA, 2012, p. 171)”.

Para Cappelle, Borges e Miranda (2010), o fato de ouvir os participantes é um resgate de memória e experiência de histórias vividas através do trabalho oral, entrevistas com pessoas que fizeram parte ou testemunharam circunstâncias ou acontecimentos sendo um aspecto de aproximação do objeto do nosso estudo. E ainda, percebemos que na oralidade o participante divide com o entrevistador a importância dada por ele a sua história vivida.

Realizamos entrevistas com os participantes da pesquisa. Optamos por essa técnica de coleta por ter algumas vantagens dentre elas “o pesquisador pode reformular e acrescentar perguntas para esclarecer as respostas e garantir resultados mais válidos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012, p. 39)”.

As entrevistas ocorreram da seguinte forma, a única entrevista presencial foi feita com o professor Thalles Verçosa, o local utilizado foi em sua sala na FEF, pois o mesmo estava se recuperando de alguns problemas de saúde, assim em abril coletamos sua entrevista.

Por conta de ser um facilitador no tempo pós-pandêmico algumas entrevistas foram

feitas pelo *Google Meet*®, elas foram gravadas após permissão do entrevistado, devido ao tempo hábil para coleta da pesquisa, nessa forma de coleta entrevistamos os seguintes participantes: Afonso Nina em abril, Jeanne Abreu e Patricia Vaz em maio.

E, também, utilizamos a entrevista pela gravação de áudio do *WhatsApp* para facilitar a comunicação com alguns dos participantes e conseguirmos o material em tempo hábil, lembrando que através da invenção do gravador de fita em meados do século XX os historiadores puderam utilizar desta ferramenta para realizar as entrevistas. Assim, entrevistamos, Kathya Lopes e Hyldelcy Freire em junho. Quanto a Artemis Soares, essa apareceu nas falas de quase todos os entrevistados, por isso incluímos ela como personagem fundamental para contar essa história.

O período das entrevistas se adequaram conforme o meu tempo nas atividades laborais, bem como o tempo adequado para os entrevistados, totalizando 3 meses de coleta. Além das entrevistas, utilizamos também a leitura e interpretação das imagens cedidas pelos participantes, observamos nestas a forma como era trabalhada a organização do corpo, observamos ainda aspectos das indumentárias utilizadas e procuramos ressaltá-los em nossos descritores que dão o propósito e a relevância deste capítulo.

Desta forma, com as entrevistas realizadas, utilizamos a análise de conteúdo segundo Bardin (2016) a análise se organiza em torno de três polos cronológicos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A fase de pré-análise tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais de maneira a conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas. A exploração do material consiste essencialmente e operações de codificação, decomposição ou enumeração em função de regras previamente formuladas. O tratamento dos resultados permite estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos o quais condensam e põe em relevo as informações fornecidas pela análise, podem propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos (BARDIN, 2016).

-

## **CAPÍTULO I – GINÁSTICA**

### **1.1 Ginástica e GPT em Manaus**

A história da ginástica acompanha a própria história do ser humano, estabelecendo-se historicamente como principal meio para o desenvolvimento de corpos saudáveis, fortes e corajosos no serviço de proteção à pátria nos tempos de guerras (SILVA *et al*, 2014). Ela tinha como base o preparo militarista, voltado para se ganhar possíveis guerras vindouras, porém ela já existia desde o surgimento do ser humano.

Reconhecemos que o movimento e a expressão corporal estão presentes desde a concepção do ser humano na terra. Por relatos históricos, é possível identificar movimentos que hoje classificamos como elementos corporais das ginásticas: o correr, o saltar. Tudo por sobrevivência, sendo o corpo um elemento fundamental.

No decorrer dos tempos com diferentes concepções sobre o corpo, vão estruturando formas de ginástica com diferentes objetivos. De acordo com Corat e Almeida (2011) as considerações referentes à história das concepções de corpo na ginástica encontram consonâncias mais amplas com a história do corpo de maneira geral, apontando um paralelo contemporâneo entre as concepções e suas alterações culturais, ou seja, a visão do corpo no contexto das práticas de exercício físico acompanha as alterações sociais e culturais da história.

Pensar em movimentos, práticas, quando ginástica era sinônimo de movimento é embarcar em uma viagem ao longo do tempo. A ginástica está na sociedade desde os primórdios, na pré- história identificamos ela nas práticas de sobrevivência, na Grécia antiga a Ginástica era essencial para fortalecer o corpo, isso os aproximava dos deuses, na idade média não podemos deixar de destacar a dicotomia do corpo e o surgimento do circo, felizmente na era Renascentista a ginástica se fortalece, sendo essencial para a saúde higienista, após esse período as ginásticas de demonstração vão ganhando festivais e em 1896 a ginástica se tornou a primeira prática a ser internacionalmente federalizada, ganhando lugar no esporte, logo sendo fator influenciador para muitos corpos (FIG, 2021; CARBINATTO, *et al* 2011; CARBINATTO e MOREIRA, 2016).

Iniciaremos nossa abordagem histórica na Grécia clássica, na qual identificamos a origem do termo ginástica, “gymnastiké”, que significa a “arte de exercitar o corpo desnudado” (AYOUB, 2003). A ginástica era realizada nos antigos gymnasium (ginásio), um local apropriado onde o corpo era contemplado em sua totalidade, além do físico a mente, a homeostase entre eles, representavam a composição de um corpo perfeito. “Buscava-se obter com a Ginástica uma eficiência educacional, fisiológica, terapêutica, estética e moral sem

descuidar da preparação militar” (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012).

Em contrapartida, a igreja com fortes doutrinas religiosas condenava o corpo que se expressava a um herege pecador. Naquele momento a ginástica foi praticada somente para fins militares, devido às cruzadas e defesas territoriais, se manifestando por meio do manejo de arco e flecha, lutas, marcha, corrida, salto, escalada, montaria, pesca, caça e jogos de cavaleiros (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012).

No Iluminismo, conectando com o Século das Luzes. Tal luz irradiada permitiu um grande salto pedagógico e metodológico para as ginásticas. Reconhecemos também que a ginástica está na história de diversos povos, culturas e continentes, contudo, voltaremos nossos olhares para a Europa, o berço da ginástica. A criação de quatro importantes escolas de ginástica, conhecidas também como método ginástico: Alemão, Sueco, Inglês e Francês.

A escola Alemã tinha como finalidade a defesa da pátria. Imersa em um intenso conflito por território com a tropas de Napoleão, a ginástica foi direcionada para o preparo físico de homens e mulheres para a guerra “a aula de ginástica era utilizada para transformar os alunos em seres dóceis, submissos e prontos para obedecer e servir” (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012, p.86). Os movimentos de *Turnen* desenvolvidos por Jahn, o pai da ginástica, era composto por rápidos movimentos que auxiliavam no combate como, por exemplo, o volteio em cavalos (QUITZAU, 2016); os movimentos criados nessa escola estão presentes até hoje, em supremacia na ginástica artística.

O Método Sueco de Ginástica, propagado por Per Henrik Ling, tinha como objetivo educar a juventude para um estilo de vida saudável e sem vícios, com uma demasiada preocupação ortopédica na postura dos jovens que precisavam de corpos fortes e saudáveis para os combates bélicos (SOARES, 2001) Os movimentos apresentam características esteticamente harmônicos, utilitário e com economia de energia (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012).

Na França, o exercício físico era visto como elemento indispensável para a educação do homem universal” (TOLEDO, TSUKAMOTO E CARBINATTO, 2016). A Escola Francesa foi fundada por Amóros y Ondeño, o educador tinha como visão a propagação da ginástica para toda a população, sendo inclusive uma disciplina obrigatória na educação básica, tinha como objetivo o desenvolvimento das qualidades físicas, aumento de energia e exaltação das qualidades motoras, Amóros fundamentou os seus conhecimentos na natureza humana e na análise dos movimentos (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012; SOARES, 2001).

Por último, a Escola Inglesa, que direcionou seus esforços para o movimento desportistas, sendo de suma importância para o reconhecimento da ginástica como esporte, e sua institucionalização (SOUZA, 1997; DEFRENCE, 2008).

Evidencia-se assim a evolução da ginástica em determinados momentos históricos pelo mundo, bem como nas escolas (europa), onde ela era utilizada com determinados objetivos. Dada a sua grande abrangência, a ginástica foi classificada por seus principais campos de atuação (SOUZA, 1997):

1. Ginásticas de Condicionamento Físico: englobam todas as modalidades que tem por objetivo a aquisição ou a manutenção da condição física do indivíduo normal e/ou do atleta.
2. Ginásticas de Competição: reúnem todas as modalidades competitivas.
3. Ginásticas Fisioterápicas: responsáveis pela utilização do exercício físico na prevenção ou tratamento de doenças.
4. Ginásticas de Conscientização Corporal: reúnem as Novas propostas de abordagem do corpo, também conhecidas por Técnicas alternativas ou Ginásticas Suaves (Souza, 1992), e que foram introduzidas no Brasil a partir da década de 70, tendo como pioneira a Anti-Ginástica. A grande maioria dos 26 destes trabalhos tiveram origem na busca da solução de problemas físicos e posturais.
5. Ginásticas de Demonstração: é representante deste grupo a Ginástica Geral, cuja principal característica é a não-competitividade, tendo como função a interação social, isto é, a formação integral do indivíduo nos seus aspectos: motor, cognitivo, afetivo e social (SOUZA, 1997, p.25-26).

Dessa forma o seu desenvolvimento trouxe no ano de 1816, sua primeira associação em Berlim, logo outros países criam suas associações e em 1860 a Europa decide unificar as

Ginástica (FEG), composta por Bélgica, Holanda e França (GAMA, 2012). Um importante nome para este momento é Nicolas Cupérus, responsável por encabeçar a institucionalização da ginástica como federação esportiva, tendo seus esforços resultado na criação da Federação Internacional de Ginástica (FIG) em 1921, a mais antiga federação internacional estabelecida para um esporte olímpico (FIG, 2022; SILVA, et al, 2021; GRANDI, 2011).

A FIG, tem como responsabilidade reger as normas disciplinares da ginástica, sendo elas: Ginástica Artística Masculina (GAM), Ginástica Artística Feminina (GAF), Ginástica Rítmica (GR), Ginástica Aeróbica (GAE), Ginástica de Trampolim (GTR), Ginástica Acrobática (GACRO) e o Parkour (SILVA, et al, 2021).

### **Ginástica no Brasil**

No Brasil a ginástica marcou presença por meio de discursos estadistas, médicos e pedagógicos, os métodos Europeus de ginástica, sobretudo da Alemanha, França e Suécia, se fortaleceram no Brasil por meio da Educação Física escolar no século XIX, como forma de exercitação sistematizada no contexto escolar, era regulamentada por lei logo, obrigatória nas

escolas, por este motivo, por muito tempo ela foi reconhecida como sinônimo da disciplina escolar (TOLEDO, TSUKAMOTO E CARBINATTO, 2016; TOLEDO *et al*, 2012).

A primeira influência da ginástica no Brasil veio do método Alemão que chegou ao país em 1860, com a chegada de muitos imigrantes vindos da Alemanha e que tinham naquela ginástica, um hábito de vida” (FIGUEIREDO; FELINTO; MOURA). Deste modo, a ginástica alemã ganhou espaço em 1912, nos treinamentos militares brasileiros, e a outra escola da ginástica foi a do método sueco de Ling, apreciado por Rui Barbosa que era um representante do governo do Brasil na época.

Este método de ginástica Ling foi defendido como ferramenta pedagógica na escola, no entanto em menos de 10 anos cedeu espaço ao método francês que foi oficialmente implantado nas escolas brasileiras (TOLEDO, TSUKAMOTO E CARBINATTO, 2016; FIGUEIREDO; FELINTO; MOURA).

Desde o século XIX , a ginástica passa a ser utilizada no Brasil, além de exclusivamente escolar e, paralelamente, surge um movimento esportista no país, a prática da ginástica artística no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Em 1951, tivemos o reconhecimento da ginástica, sendo considerado o “ano de ouro”, pois além de reconhecida foi fortalecida, esse grupo se destaca conseguindo se filiar à Confederação Brasileira de Desportos – CBD e realizar em São Paulo o primeiro campeonato Brasileiro. Ainda no mesmo ano filiou-se à Federação Internacional de Ginástica – FIG (CBG, 2022; PATRICIO; BORTOLETO; TOLEDO, 2020).

Não muito tempo depois a ginástica rítmica, ainda conhecida como ginástica moderna passou a ser propagada no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro pela professora húngara Ilona Peuker. As inúmeras conquistas realizadas pelas duas disciplinas, Ginástica Artística e Ginástica Rítmica impulsionaram a criação da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), em 1978, sob direção do Dr. Siegfried Fischer (CBG, 2022).

A Ginástica Geral<sup>1</sup> teve seu comitê específico dentro da FIG a partir de 1984, superando o número de atletas das modalidades competitivas, evidenciando a sua importância como um fenômeno de massa. Seguindo outra vertente, e buscando esse aporte teórico científico, recebeu uma nova nomenclatura e a partir de 2007 passa a ser chamada de Ginástica Para Todos (FIG, 2017).

## **Ginástica em Manaus**

---

<sup>1</sup> A Ginástica Geral foi uma modalidade que abarcava vários tipos de exercícios destinados a qualquer público e de qualquer idade... Utilizava como ferramenta o exercício de efeitos generalizado.

Especificamente em nossa região, em Manaus em meados dos anos 60 as práticas gímnicas já aconteciam. Embora neste momento ainda não especificada como Ginástica para Todos ou Ginástica Geral (como era conhecida), mas com características muito próximas ao que hoje conhecemos como GPT.

Buscamos para entender a evolução histórica da Ginástica Geral hoje denominada de Ginástica para Todos. Evidenciamos uma outra ramificação da ginástica, sem fins competitivos, isto é, executava-se de forma concreta em Manaus a ginástica de demonstração. É importante dizer como essa prática se iniciou, bem como quem foram os precursores responsáveis pela sua implementação e como foi ganhando forma através do tempo.

Em Manaus essa modalidade de ginástica estava crescendo em 1970, e o seu destaque se deu principalmente por personalidades que contribuíram dentro do meio técnico e acadêmico, alguns dos quais exerciam as mais variadas funções: eram técnicos, ginastas, professores, presidentes de associações que se envolveram e conseguiram levar a ginástica do Amazonas para outro patamar, o que a seguir abordaremos.

Para que a ginástica ganhasse maiores possibilidades de prática, tanto em nível técnico, como também para abrir as portas para as ginastas da nossa região e a oportunidade de mais uma área profissional, era necessário agrupar esses interesses e planejar uma atuação profissional. Surge então o grupo de interessados na ginástica que pensa sobre a criação de uma Federação a partir do década de 70.

## **GPT**

A GPT é portanto, uma atividade diferenciada por não ter a competição como base, porém se utiliza de fundamentos, sem os quais não se caracterizaria, justamente para não ser confundida com a ginástica da grande área ou simplesmente uma dança.

Ela se baseia em 4'Fs: Fun (Diversão), Friendship (Fazer amigos), Fitness (Aptidão Física) e o Fundamentals (Fundamentos), em sua prática o uso de material poderá ser oficial ou alternativo, ou sem aparelhos, utilizando a dança, o teatro, e o circo entre outros (FIG, 2021).

O aspecto *Fun* (diversão) diz respeito ao lúdico . Consequentemente o Friendship é construído e os laços de amizade são criados, afinal as atividades partem da coletividade de ideias, as quais despertam união entre os pares e o sentimento da pertença à equipe é despertado, o que torna a atividade ainda mais prazerosa.

Quanto ao Fitness (aptidão), ao participarem das atividades desenvolvidas nos grupos

de GPT, aula, ensaio, apresentação, os praticantes executam movimentos que lhes possibilitam o cuidado com o corpo, sua saúde e até melhoram sua capacidade já a questão dos fundamentos é se utilizar dos princípios básicos encontrados nas demais ginásticas para que a execução dos movimentos sejam seguros aos praticantes e permitam uma vivência proveitosa.

O prazer pela prática pode estar atrelado a diferentes objetivos do participante, como por exemplo, a preocupação com a inclusão, sentimento de pertencimento, sentir-se parte da história, enaltecimento das características individuais, amizade, apresentações, enfim, uma gama de possibilidades que dependem da perspectiva de cada integrante, mas que evidenciam que não nascemos um ser isolado, mas nos constituímos no outro. Essa interação em grupo e a liberdade de criação permite aos seus praticantes uma forma de aquisição de conhecimento diferenciado e partilhado. Além da formação do senso crítico que lhes beneficiará em seu desenvolvimento e participação ativa dentro da nossa sociedade, que conta com diversas situações que necessitam da presença de valores ambiente (TOLEDO, TSUKAMOTO E CARBINATTO, 2016).

Além do aspecto do lazer, a construção da coletividade nela é inerente, afinal através da interação o grupo vai aprendendo e se adequando para que uma determinada opinião seja respeitada, talvez aceita e incorporadas nas atividades realizadas. Pensando nessa coletividade Menegaldo e Bortoleto (2019) apontam:

Em outras palavras, compartilhar saberes, ouvir e respeitar, permitem um processo que, com o tempo, pode conduzir a outros aspectos da convivência em grupo, como o sentir-se parte de uma unidade e o sentimento de compromisso, aspectos que estão atrelados, a nosso ver, a voz e abertura concedida para influenciar decisões do grupo. Essas aberturas refletem no grupo, possivelmente, a vontade individual, desenhada pelas discussões e tomadas de decisões coletivas. A cada opinião de um integrante, o grupo pensa e repensa, impede e cede. O grupo discorda. O grupo exige integrantes exigindo de si e exigindo dos outros. Ademais, pertencer – ativamente – exige comprometimento, mas não um comprometimento referente à performance, e sim um comprometimento com o processo coletivo do qual pertence ou participa certo grupo de pessoas (MENEGALDO E BORTOLETO, 2019, p.309).

Além de prazerosa, interativa e coletiva, ainda se estrutura a partir do contentamento da prática por si só, pois além de existir uma relação entre amigos, o indivíduo sente-se feliz por estar praticando uma atividade física, o que lhe direciona ao fundamento do “Fitness”.

Além do fitness, ela pode ser também inclusiva e prazerosa quando proporciona uma série de benefícios a quem pratica (AFONSO, 2014). Segundo Patrício (2016), o termo “Para Todos” se emprega a participação irrestrita, sem valor de idade, etnia, sexo, ou condição física.

Desta forma, o corpo é respeitado e valorizado, independente de padrões corporais exigidos nas ginásticas de competição, pois na GPT não há exigência corpórea, ao contrário, todo e qualquer corpo se significa e está pronto para a prática.

Segundo Santos (2009, p.34) uma das principais características da GPT é a utilização da ginástica para a formação global do indivíduo e na construção de uma sociedade mais humana, assim privilegiando a participação coletiva, sempre respeitando a individualidade. Além disso, contribui para diferentes aspectos da formação humana, como por exemplo, a interação social, o autoconhecimento e o respeito à diversidade e a individualidade (SOARES; ALMEIDA; BORTOLETO 2016).

Para Soares, Almeida e Bortoleto (2016) a GPT através das estratégias pedagógicas, contribui para que o praticante se torne mais autônomo e independente em suas atitudes, desenvolvendo o seu pensamento crítico sobre conteúdos de sua realidade social, construindo valores e convicções sobre esses contextos. Portanto, ela é uma prática integradora e prazerosa que permite aos praticantes uma interação e um trabalho coletivo. Ehrenberg e Miranda (2016) caracterizam a GPT como a prática que promove alegria e bem-estar por meio do lúdico sendo uma atividade onde o trabalho em equipe sobressai diante das dificuldades e limitações inerentes.

Quando cada participante pode expressar a sua opinião e suas ideias são acatadas, o convívio durante a construção coreográfica e os ensaios permitem o uso da criatividade e do senso crítico, pois se assemelha a uma escola onde os alunos executam a troca de conhecimento junto ao seu professor, a partir de uma coletividade onde cada integrante exerce seu papel significativo. Por meio dessa coletividade a Ginástica para todos além de respeitar as diferenças e a valorizar, todos os resultados obtidos, coreografia, encontro, prática devem ser obtidos das contribuições individuais que resulta do trabalho de uma construção coletiva (DOMINGUES; TSUKAMOTO, 2021).

Pensando nessa construção coletiva, podemos evidenciar a valorização dos aspectos socioculturais, afinal é por meio do povo que a cultura é formada. Pensando na Amazônia com suas belezas naturais e todo o achado de seu povo, como a sua culinária, indumentária, danças e demais categorias, o que poderá valorizar e disseminar a cultura local por meio das coreografias trabalhadas em prol dessa temática.

A coreografia deve ser construída de forma democrática, onde todos os participantes são agentes construtores e importantes nesse processo, porém nada garante que todos vão ser agentes ativos, não ocorrendo de forma linear. Segundo Paoliello (1997) esse processo de construção coreográfica vai ser rápido ou longo dependendo de alguns fatores como: temas,

tipos de passos, aparelhos, tempo da música, número de participantes, posições coreográficas e figuras coreográficas, que se objetivam na apresentação.

Portanto a GPT se adaptou ao longo de sua concretude, e se apresenta com muitas possibilidades como vista acima. Ao visualizarmos a GPT por este entendimento, concluímos que a ginástica se adaptou a uma nova identidade, devido às circunstâncias exigidas pela sociedade moderna, desta forma sem precisar desintegrar-se para ter uma nova identidade.

As sociedades da modernidade são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito”- isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articuladas. (HALL, 2006, p.17).

Na inserção de elementos da cultura, além da cultura corporal do movimento tem-se a presença da disseminação da troca entre culturas, que podem ser evidenciadas em partes das coreografias com o uso de elementos da cultura, da identidade do grupo, comunidade ou nação, pois os indivíduos estão inseridos em suas culturas, se manifestam por ela e com ela, e isso se verifica desde as reuniões dos grupos, os quais terão diversos objetivos e intenções a atingir.

Além dos 4'Fs presente na GPT, Toledo, Tsukamoto e Carbinatto (2016) estabelecem a categorização de onze fundamentos, que vão além de algo determinado, mas para definir e desenvolver o trabalho com a GPT, são eles: a base da Ginástica; a liberdade de indumentária; o número de participantes indefinidos, a diversidade musical; o favorecimento da inclusão; a não competição; o uso de materiais não convencionais ou alternativos; a formação humana; o prazer pela prática; o estímulo à criatividade; a inserção de elementos da cultura e a composição coreográfica. A partir da composição coreográfica a GPT estimula a valorização e a diversidade da ginástica com muitas possibilidades e ambientes da GPT.

A Base da GPT é sempre a ginástica e sua prática de aulas, coreografias, vivências podendo apresentar o uso ou não de aparelhos. Os elementos ginásticos vão se configurar por meio dos movimentos e dos aparelhos construídos ao longo da história, suas formas, variações de expressões, nomenclaturas, utilizando-se de conjuntos de habilidades motoras básicas de movimento do próprio ser humano.

Quanto à liberdade de indumentárias, longe das ginásticas competitivas que exigem uma padronização nas roupas de competição, a GPT tem liberdade entre o grupo para definir o que usar, todo como parâmetro o equilíbrio entre o campo da Arte, da história a ser contada e a ideia desenvolvida na coreografia.

A composição coreográfica é construída em duas visões, sendo que para alguns autores

é o produto final e para a minoria não é o principal objetivo, e ela apoia a linha da primeira visão, mas diferente das visões competitivas, a coreografia é avaliada em pouco tempo Na GPT o processo é tão importante quanto o produto final pois todos os elementos vão ser aplicados e estimulados pela criatividade, e com relação aos elementos corporais, formação humana, podendo ser praticado em diferentes ambientes, sendo importante que os participantes ocupem bem os espaços, em forma de círculos, retas, que realizem figuras, sendo configuradas as coreografias em formações, afinal não se exige um número exato de participantes (TOLEDO, TSUKAMOTO E CARBINATTO, 2016)..

Esses estudiosos falam a respeito da liberdade musical que deve estar em sintonia com movimento e ritmo, fora de um gênero musical, mas que esteja propício com o tema, com a coreografia, com a cultura e o número de participantes que é indefinido, onde dificilmente um indivíduo aparecerá sozinho.

Outro elemento que favorece a prática da GPT é o uso de materiais não convencionais, os chamados alternativos, que distam da ginástica competitiva que exige aparelhos oficiais. Assim, os materiais tradicionais de Ginástica Artística, Ginástica Rítmica e do Trampolim Acrobático, bem como a criação ou uso de novos materiais, sendo eles, materiais alternativos adaptados com o que existe, e materiais que não são usados na ginástica ou até em atividade física (SILVA; ZYLBERBERG, 2016)

O fator que engrandece e diferencia a GPT está na diversidade de seus praticantes, fazendo com que ela seja sempre flexível e adaptável. Podemos dizer que isso é um dos seus trunfos, pois sua plasticidade permite a inclusão de diferentes faixas etárias, biotipos diversos, gêneros em espaços sociais e apresenta soluções para a prática corporal vencendo desafios, seja o de realizar uma parada de mãos com o auxílio de um colega de grupo até o de expressar-se em público, dentre tantas outras situações que assistimos, seja em suas aulas ou em suas apresentações. Isso também demonstra o poder do trabalho coletivo e antes, sem isso, a GPT não teria a força que tem. (TOLEDO; SILVA, 2020, p. 78).

Neste sentido entendemos assim como Domingues e Tsukamoto (2021) que a GPT não só respeita as diferenças, mas vê nas diferenças entre os participantes uma forma de valorizá-los. E faz da atividade que seria uma prática uma forma de encontro que tem como resultado composições coreográficas construídas com as contribuições individuais em um trabalho de construção coletiva. “O desenvolvimento de cada grupo é singular e adaptado aos integrantes atuantes naquele determinado período, proporcionando vivências específicas e profundas (DOMINGUES E TSUKAMOTO,2021, p.179)”.

Buscou-se ainda ressaltar a GPT como uma manifestação do âmbito da ginástica cujos princípios estão alicerçados na inclusão de pessoas de todos os gêneros, grupos etários e habilidades, na composição com diferentes modalidades presentes no percurso histórico da ginástica (aeróbica, acrobática, artística, rítmica e trampolim) o diálogo com outras expressões da cultura, na valorização da coletividade e na constituição de identidades diversas. (PINHEIRO; MATOS, 2020, p. 118-119).

A Ginástica Para Todos busca realizar novas trocas e produções de conhecimentos junto aos discentes, professores e pessoas da comunidade do seu entorno, tendo como ideia central o potencial educativo da GPT para a formação humana, o trabalho inclusivo, coletivo, democrático, participativo, criativo e prazeroso que se estabelece no diálogo com as expressões culturais amazônicas, que proporciona outras formas de viver, cuidar de si e do outro e compreender-se corpo amazônida (PINHEIRO; MATOS, 2020, p.119).

Reconhece-se a ação coletiva dos praticantes de GPT com recorrentes indicativos de que as relações sociais construídas por meio da prática da GPT se constituem em uma das suas principais contribuições, principalmente quando dos integrantes do grupo são ativos.

Destaca-se ainda que a heterogeneidade dos grupos e a diversidade de possibilidades parecem potencializar a inclusão e também a intensificar os vínculos sociais entre os participantes (GRANER; PAOLIELLO; BORTOLETO, 2018).

O aspecto coletivo da GPT é semelhante ao das diferentes práticas corporais realizadas em grupo, como a Ginástica Acrobática, Aeróbica ou Rítmica. Atuar em grupo, ou numa lógica sociomotriz, como argumenta Parlebas (2001), embora seja uma característica comum entre a GPT e as modalidades citadas, Menegaldo e Bortoleto (2018), entendem que a coletividade na GPT requer uma compreensão específica, por apresentarem poucas evidências concretas como fruto de estudos específicos sobre o tema.

Portanto, a GPT passou a ter uma nova releitura voltada para as questões culturais da Amazônia, servindo como uma janela para o mundo entender como a nossa cultura é vivenciada em nossa região.

## **1.2 A releitura da cultura amazônica pela GPT**

Nosso olhar está voltado para uma cultura em particular, a cultura amazônica, que ao longo dos anos foi construída com raízes indígenas, europeias e africanas, especificamente baseada na população indígena, com suas maneiras próprias de enxergar o mundo, por meio de suas práticas corporais como a caça, a pesca, os cuidados com o corpo, suas crenças e o conhecimento e uso da floresta, bem como outros aspectos da cultura que foram transferidos de

geração para geração (RODRIGUES, 2012).

O termo cultura é algo amplo e de difícil conceituação devido ao caráter da sua subjetividade. A exemplo, citamos os estudos realizados por Alfred Kroeber, Clyde Kluckhohn e Malinowski onde se encontram pelo menos 167 definições de cultura. Assim, optamos pelos estudos de Clyde Kluckhohn que conceitua cultura como um padrão de significados transmitidos historicamente, inserido por símbolos, nos quais o homem vai comunicar-se, perpetuar-se e desenvolver-se através de seu conhecimento e suas atividades relacionadas à vida (MARTINI, 2007). Geertz (2008) aponta que:

Kluckhohn conseguiu definir a cultura como: (1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história", e voltando-se, talvez em desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz (KLUCKHOHN, 1949 apud GEERTZ, 2008).

Afinal, a cultura é um conjunto de hábitos e práticas, *savoir-faire*<sup>2</sup>, saberes, normas, crenças, interditos, mitos e estratégias, repassados através dos tempos entre várias gerações, criando e recriando a complexidade social (MORIN, 2007). Essa complexidade nos permite viver e conviver em sociedade, onde cada povo ou sociedade abarcará suas peculiaridades e principalmente, desta forma é ter ciência de que definir cultura é algo complexo e amplo.

Cada povo possui a sua cultura, seus costumes e suas peculiaridades que diferem conforme os grupos sociais. O próprio social é a cultura em si, pois sob a perspectiva dos caracteres distintivos nos mostram a maneira de comportar-se individualmente junto aos membros desse grupo, como também a presença da sua individualidade nas produções artísticas, artesanais, religiosas entre outras.

Deste modo, a cultura pode ser explicada como a reunião dos saberes plurais e singulares, fazeres ou comportamentos de um indivíduo que representa um grupo humano ou de uma determinada sociedade, pois o processo de aprendizagem é transmitido por meio do contato com o grupo ao qual pertence (LAPLANTINE, 2003).

Com esse entendimento, é possível compreender que cada integrante de uma sociedade

---

<sup>2</sup> Capacidade de agir com inteligência e maleabilidade, nas mais diversas circunstâncias. É o saber-fazer.

é contribuinte direto com a construção de sua cultura, pois através das relações e trocas entre eles, a transmissão da cultura é permitida.

Isso evidencia que todo membro de uma sociedade possui cultura, não sendo ela isolada, mas fruto da contribuição de cada cidadão, independente do meio que adquiriu ou por sua interação entre os outros participantes. O homem socializado é produto da cultura, herdeiro de um amplo processo cumulativo que exprime suas experiências e resultante de toda uma comunidade (LARAIA, 2001).

Por meio desse processo, a comunidade exprime o seu próprio conceito de cultura e diferentes formas de expressá-la é utilizada para que ela não se estagne, mas que se perpetue e que embora seja mutante e sofra processos ao longo do tempo, ela não se perca e continue acessível à sociedade, afinal, cabe a cada indivíduo a responsabilidade de manter ela viva.

Segundo Bauman (2012) a cultura é o fornecimento do sistema social, ao que diz respeito aos processos de manutenção de padrões, sendo internalizada no processo de socialização, mantendo a sociedade funcionando e garantindo a identidade por todo o tempo. Isso nos direciona as trocas entre gerações, deste modo o tempo mantém a cultura de um povo suas tradições, costumes, ritos, culinária por anos.

Se cada indivíduo se responsabilizar e ajudar nessa manutenção a cultura tende a crescer cada vez mais e permanecer presente nas trocas de gerações, o que permitirá a reunião das diferentes contribuições e preservação dela, além disso a definição de identidade de um grupo, permitindo a dada comunidade, sociedade ser identificada por sua cultura.

De acordo com Paes Loureiro (1995), a cultura desde antigamente, vem sendo considerada a reunião de diferentes perspectivas de uma totalidade direcionada para a criação e preservação de bens materiais e imateriais que vão percorrendo o cuidar, o habitar e o cultivar. Ações comportamentais estas que dão ao homem a identidade que o localiza no espaço em que está inserido, pois se tornam habilidades para sua interação com os outros e com ele mesmo.

Na cultura abarcamos todo um legado de um povo, por ser ampla e por ser móvel, prova disso é a construção das sociedades, que tem em suas heranças culturais a influencia de outros povos seja ele branco, negro e/ou indígena, vindos de diferentes partes do mundo, onde se relacionam até conceber a cultura que conhecemos atualmente. Visto isto, cada sociedade vai ditando as suas regras, suas concepções, criando seus próprios padrões que passam a definir o seu uso por suas características e importâncias.

Portanto, a cultura por sua complexidade carece de um olhar minucioso, buscando estudar as peculiaridades das suas diferenças, pois entendemos que a riqueza de um povo está baseada neste conjunto de conhecimento transmitido por meio da história oral, e assim

consegue mantendo-se viva através da contribuição de todos os integrantes de uma comunidade, sociedade ou tribo.

A Amazônia constrói-se culturalmente por cada indivíduo seja branco, negro ou indígena em suas vivências e experiências desta forma construindo suas singularidades que são expressas em seus fazeres cotidianos em suas comunidades e seus territórios.

Segundo Ribeiro (2015), através da produção dos valores culturais do índio e do português em contato com a natureza que vai da tradição à modernidade, a cultura situa o homem na história regional, nacional e universal por meio da ação dinâmica.

Essa construção de uma Amazônia brasileira, em virtude do rico acervo de nossa cultura devido ao amplo sentido sociológico, antropológico, histórico e ecológico é resultante do processo de colonização e miscigenação da Amazônia e do Brasil.

Ribeiro (2015) ainda nos mostra que a miscigenação dos povos e grupos nesta região é que formam a identidade Amazônica e abrigam as mais diversas trocas de tradições e costumes que enriquecem a nossa cultura. A formação de uma individualidade singular surge desses povos e grupos da Amazônia a partir da interação com os ambientes sociais e naturais, além da diversidade de expressões de suas culturas e da ausência de dificuldade na aceitação de suas metáforas do imaginário de suas tradições.

A representatividade da cultura amazônica materializa-se principalmente na corporeidade, pois traz no corpo as marcas dessa cultura presente nos ritos, seja na pintura corporal feita para identificá-la no grupo, seja no grafismo, em suas máscaras ou nas cerâmicas ritualísticas que tem uma função social que lhe identificam, e lhe dão pertencimento e aproximação com o mundo espiritual.

O corpo expressa os significados da sociedade a qual está inserida, sendo o suporte da herança sociocultural do seu povo. Os ritos são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir relações sociais, finalmente, como vivemos em sociedade, tudo aquilo que fazemos tem um elemento comunicativo implícito (PEIRANO, 2003).

Apesar da tradição encontrar na ritualidade uma forma de manter viva a história de um povo, nos questionamos sobre a execução de rituais indígenas pelo tratamento dado ao corpo durante estes ritos, onde o corpo sofre agressões físicas. Nos indagamos em que medida esta ação deixa de ser um ritual e passa a ser uma agressão ao corpo?

Segundo Alencar e Buitrago (2020) quando pensamos no corpo no contexto indígena é necessário ponderar sobre a complexidade das ligações cosmológicas, ancestrais, tradicionais e interculturais construída na criação identitária e étnica do desenvolvimento dos mais diversos

povos.

Constatamos tal afirmação também nos dados pesquisados e apresentados na tese de Soares (1999) “O corpo índio Amazônico: estudo centrado no ritual Worecü do povo Tikuna”, onde traz a complexidade da construção do corpo índio que é colocado num processo constante de fabricação por intervenções que fazem no corpo a ligação entre o mundo real e o imaginário.

Mauss (2017) tem por interpretação, o corpo como um “instrumento primeiro” e que tudo que o homem desejar, pensar ou possa vir usar, manusear, utilizar, viver estará dependendo da forma como ele o articula e conhece este instrumento chamado de corpo por ele, pois a ele se dá os créditos e caso não o conheça ou não saiba manuseá-lo não conseguirá experimentar, nem conhecer outros instrumentos, sendo que tudo dependerá à princípio de como o homem relaciona-se com ele, o seu corpo. Conforme este mesmo autor, existirá sempre algumas classificações das técnicas do corpo segundo diferentes perspectivas: sexo, idade, rendimento, formas de transmissão grupo social.

O sexo é relacionado à questão de gênero, pois homens e mulheres usam seus corpos de forma diferenciada. A idade é outro fator, pois desde o momento intra uterino até a idade adulta, conforme o desenvolvimento humano e suas fases, o uso de seus corpos depende de suas necessidades. Quanto ao rendimento, essa variação depende do alcance de determinada meta, como por exemplo o nadador que se dedica a um sistema de treino para quebrar o recorde de seu concorrente e manter seu lugar no pódio. A transmissão refere-se justamente à manutenção da cultura de determinado povo, onde os mais velhos que detêm o conhecimento fazem sua divulgação e os mais jovens reproduzem ou as melhoram (MAUSS, 2003).

A troca de gerações permitirá mudanças ao longo desse processo, que são geradas pelas modificações culturais; o meio ao qual o indivíduo está inserido tem influência direta ou indireta na visão de corpo, pois perpassa a oralidade e a escrita. O homem utilizou seu corpo como um produto de técnicas e representações em todos os lugares da história, deixando a cultura de um povo viva, onde a memória é construída na esfera dos gestos eficazes e não somente nas tradições orais e escritas (LÉVI STRAUSS, 1970).

O modo que o homem encara a sua corporeidade não é universal e nem constante, mas uma construção social advinda do processo dinâmico e o leva a pensar, sentir e agir ligados as formas sociais e culturais. A singularidade pessoal não é o único fator a ser visto, mas também que toda a influência do grupo social trará uma visão do corpo de cada indivíduo (GONÇALVES, 2012).

Com a significação do corpo em cada cultura, a cobrança de padrões surge a preocupação de certos indivíduos para alcançar esses resultados, Assim Fortes, Winograda e Pererson,

pontuam:

Ao mesmo tempo, embora mutante e instável, o corpo também se tornou o *locus[1]* das preocupações de um sujeito constituído a partir do imperativo de uma imagem corporal ideal, quer em sua forma, segundo os parâmetros de beleza, quer em sua fisiologia, segundo os paradigmas da saúde (FORTES; WINOGRADA; PERELSON, 2018, p.278).

Sendo emissor ou receptor, o corpo gera sentidos constantemente inserindo o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural (LE BRETON, 2003).

A cultura influencia a visão do corpo em cada sociedade, isso pode ser constatado nos rituais de passagem. Nos rituais de passagem está a constatação que o corpo está submetido aos interesses da sua sociedade e ao passar por isso é considerado como “está pronto”, quer dizer que ao viver a experiência do ritual o seu corpo será capaz de articular o que deseja fazer com este, por ter superado os seus limites biológico e dessa maneira ser aceito pela sociedade que está inserido.

Neste sentido citamos Pinto Nery (1984), que não deixa dúvida de que os povos primitivos, os primeiros habitantes desta região, os indígenas, em suas atividades nos deram inspiração para a criação de coreografias de Ginástica, em particular a Ginástica Para Todos, onde o que para nós eram atividades cotidianas, para eles era a forma de se comunicar com natureza, de confraternizar-se e manter-se unidos uns com os outros, sendo percebida a valorização da sua corporeidade para além do exercício físico em suas mais diversas atividades.

O autor prossegue nos falando das tribos Manaus e Muras que eram considerados lutadores, por isso audaciosos quando eram colocados à prova sua força, eram experientes no trato com a canoagem, e naturalmente excelentes caçadores. Nestes aspectos se diferenciam dos demais parentes, por serem exímios canoeiros já que usavam a canoagem não somente como meio de transporte, mas o meio para a atividade da pesca, aspectos necessários para sua sobrevivência e de seu povo.

Pinto Nery afirma que nos escritos de Cristóvão Cunha, os índios Curicurês do Purus se destacavam por sua estatura gigante e sua valentia, enquanto os Paumarés eram surpreendentes nadadores. Enquanto alguns tinham a destreza do arco e flecha, outros tinham habilidades na canoagem e expertise na caça e pesca devido a sua capacidade corpórea que lhes habilitam para tais competências, as quais se fazem presentes nos exercícios corporais adaptados e caracterizados pela GPT.

Isso nos traz à memória a construção histórica da ginástica que tem os seus movimentos regionalmente identificados pela luta e pela sobrevivência. Sabemos que no início o contato entre os brancos e os indígenas teve por resultado, prejuízos para este povo culturalmente, pois

os brancos trataram a diferença cultural como forma de domínio, e os que resistiam a essa força de controle do colonizador, sofriam represálias que iam do aprisionamento até a sua morte.

Os rituais indígenas assim como suas atividades diárias são plenos de gestos e movimentos que hoje estão plenamente utilizados nas mais diversas manifestações culturais amazônicas: os bois bumbás de Parintins, a dança da ciranda, as tribos dos festivais locais.

A GPT como atividade gímnica, construída por exercícios corporais de forma individual e grupal, enriquece-se ao absorver muitos dos movimentos corporais dos povos indígenas na elaboração de suas coreografias. É possível contar várias histórias e ritos daqueles povos de corridas, passos, saltos, movimentos de transporte do outro, movimento de colaboração entre duplas e trios, batidas rítmicas com pés, com pés e mãos e batidas no próprio corpo produzindo e explorando a diversidade de sons que o corpo oferece.

A encenação mimética é utilizada durante a apresentação das figuras de destaque a exemplo dos tuxauas, pajés, das entidades sobrenaturais representadas pela alegorias gigantes e exóticas que surpreendem prendendo a atenção de quantos assistem pelo impacto causado no imaginário popular.

A GPT, sendo uma atividade que requer acompanhamento musical, se utiliza dos mais sofisticados instrumentos de vanguarda até os mais rústicos como as batidas de bastão de madeira para dar vida aos movimentos coreográficos embalados pelas toadas do boi de Parintins.

Dessa forma a GPT trata de materializar a representação subjetiva da cultura amazônica onde os encantados manifestam-se a ancestralidade através de diferentes personagens, cada um contando a sua história evidenciando dessa forma o encontro entre natureza e cultura.

### **1.3 O corpo na perspectiva da GPT**

O corpo é um dos temas mais estudados na contemporaneidade e a relevância dada a ele abarca o seu valor e importância em cada sociedade que se diferencia por sua cultura. O homem passou a ter certa cobrança, principalmente para talvez alcançar o corpo “ideal”, o corpo com poder midiático imposto pela sociedade, resultado esse quase inalcançável, afinal o homem é mutante, influenciado pelo ambiente ao qual está inserido, além disso, a perspectiva de “corpo belo” é peculiar a cada ser, girando em torno da autoestima.

De acordo com Assmann (1994), não se tem como eleger o todo do corpo, pois não existe o corpo geral de todos ou o “corpo concreto” de cada sujeito. Em meio a uma rotação de símbolos, se questiona se somos corpos humanamente socializados, que olhamos por uma perspectiva de fora, ou seja, a beleza do outro corpo, pois foi vendo as coisas de uma outra

forma na vida e na história, que ao longo do tempo vários corpos foram definidos.

No século XVI e XVII o conhecimento do corpo é estudado a partir da racionalidade moderna com ênfase na anatomia, demonstrada também nas pinturas de artistas como Rembrandt e Andreas Versalius. A racionalidade mostra o funcionamento do corpo humano e de suas partes, com um olhar científico e educacional, o vitalismo como força vital e manutenção da vida e o mecanismo com base na bioquímica e a fisiologia que explicam os processos vitais baseados na física e química (LOPES, 2012)

As chamadas ciências do vivo segundo Nóbrega (2010), instituíram padrões através da distinção dos processos corporais e mentais, utilidade e eficiência ocorreram devido ao discurso Cartesiano do corpo-máquina. Entretanto, a autora não coloca Descartes como vilão, mas como criador de novas possibilidades de conhecimento do corpo, porém tomou um rumo limitado do estudo por partes. Essa dicotomia oriunda da separação de partes, evidenciando a Razão deixa o corpo em um lugar de negação, relegando o corpo e o colocando como sem razão, sendo impuro, abjeto, pecaminoso.

Saindo desse contexto de rejeição, pecaminoso, ou de um corpo controlado que precisa ser disciplinado, o corpo vai ganhando espaço e novos significados. Atualmente o culto ao corpo tem invadido todas as sociedades (setores sociais, faixas etárias e diversas classes). Este culto se aplica também ao uso de tecnologias como uma grande ferramenta de manipulação podendo colocar ou retirar as coisas de nosso corpo a qualquer momento, quando surge determinada moda ou padrão de beleza (SCHMITT, 2013).

O culto ao corpo vai seguindo os padrões da moda, roupa, maquiagem, cosméticos, a estética, a prática de atividades físicas ou exercícios físicos, a dermatologia pode ser usada na construção desse copo “ideal” vislumbrado pelo ser em influência as suas experiências junto a sociedade na qual faz parte, a busca por estar em forma, o que evidencia dois conflitos, sendo o primeiro a busca estética idealizada coletivamente, e o segundo o ideal individualizado de cada sujeito, uma educação do corpo.

O educar de corpos não é construído apenas com palavras, mas por gestos, olhares e o ambiente ao qual está inserido, mostrando uma educação polissêmica. Essa construção do corpo surge a partir das relações estabelecidas por espaços definidos ou delimitados, pelas realidades que os cercam e por todas as coisas com as quais convivem (SOARES, 2001).

Em toda a sociedade a concepção de corpo é influenciada pela cultura e os padrões estereotipados por ela. Os indivíduos se cobram e se adequam ao que é imposto na mídia, no consumo, isto é, tudo gira em torno de um capitalismo desenfreado. Afinal é imposto um modelo a ser seguido, e a imagem corporal é uma questão de perspectiva, e essa influenciará a

visão de cada pessoa que estará influenciada pelo meio e as experiências vividas por cada um.

O corpo e a cultura são dependentes, construídos e moldados através da sociedade que os cercam, portanto não são concebidos individualmente, mas se conectam e chegam a uma certa definição por meio da sua interação:

O corpo, por outro lado, tem uma relação recursiva com a cultura que é abastecida e recriada através de processos criativos e transformadores, nesse sentido, o corpo é fruto da cultura que, por sua vez, é fruto dos corpos (LOPES, 2012, p.10).

Se cada sociedade possui a sua própria cultura, assim também a visão sobre o corpo vai ganhar diferentes significados, assim para atender as necessidades atuais o ser humano se vê dependente do uso da tecnologia para viver e está terá influência diretamente ligada ao corpo. Aliado ao uso dessa tecnologia, usando como comunicação uma linguagem que precisa ser interpretada com comandos. Assim, quanto ao corpo, Maroun e Vieira (2008) afirmam que:

O corpo exposto às novas tecnologias representa um modelo de comunicação, baseado no paradigma capitalista, cuja bricolagem prevalece. O processo de transformação e/ou mutação do corpo pela inserção de inúmeras formas tecnológicas denota a concepção da bricolagem, já que, no que se refere ao corpo, quase tudo pode ser ajeitado sem que se perca o lado artesanal da situação (MAROUN E VIEIRA, 2008, p. 185).

O corpo agora é objeto ou rascunho que se molda, se cria, se tira, se coloca, ele é maleável e mutante, se transforma a gosto da sociedade é preciso adaptá-lo para se encaixar aos padrões estipulados pela sociedade, e quem não os segue, poderá ser rejeitado, afinam nas propagandas televisivas, capas de revistas, artistas famosos impõem um modelo a ser seguido, o corpo torna-se propaganda e apaga o sujeito.

O corpo usado como propaganda torna-se sem sujeito, pois é preciso ser perfeito, belo e é utilizado como objeto, mercadoria, algo à venda. Essa busca pelo corpo perfeito acaba acarretando sofrimento ao sujeito, por não conseguir atingir o padrão corporal, pois a sociedade acaba cobrando muito e isso ocasiona uma enorme e preocupante exclusão social (SCHMITT, 2013).

Para Le Breton (2003) é inaceitável a dicotomia (corpo e espírito). Ao falar do corpo ele nos leva a enxergá-lo não como um mero objeto, ao que ele nomeia de “Corpo Rascunho”, mas que possamos refletir sobre ele ser um “corpo-carne”, sendo o indivíduo capaz de melhorá-lo ou piorá-lo, de construí-lo ou desconstruí-lo, deixando evidenciado que não é o corpo que sofre, mas sim o indivíduo.

O Corpo Rascunho é a busca por um corpo satisfatório, sendo ele suprimido ou

modificado atendendo as exigências do *álter ego*, ao evidenciar o medo da morte ou deste escapar através da correção corporal. Assim a ciência e a tecnologia levam-nos a uma metáfora mecânica, pois a máquina é igual, fixa que nada sente porque escapa a morte e ao simbolismo, sendo feita uma análise tecnológica no qual o corpo passa a ganhar inúmeros significados.

Além desse corpo rascunho, modificável, maleável, ele pode ser usado como um acessório, um adereço, no qual o ser transforma, como se fosse um Deus, ele impõe os limites e possibilidades a serem colocados em seus corpos. O corpo passa a ser considerado acessório, capaz de ser modificado, como o caso de uma cirurgia estética, sendo ele convidado a construí-lo, comparado a um mestre de obras que decide a orientação e sua existência (LE BRETON, 2010).

As velhas formas de representação e as mudanças sociais e culturais incorporam o atual instrumento de mudança do corpo, um exemplo disso são as pinturas permanentes corporais ampliadas e embelezadas pela tecnologia. Criando, recriando e até mesmo fazendo desaparecer o que é hostilizado em nossos corpos (LOPES, 2012):

O corpo é carne, vida, veias, ossos, sangue circulando e fluxo intenso. A cidade é praça, rua, casas, fixadas em algum lugar a ermo, fluxos comerciais. Primeiramente o corpo era visto primordialmente do ponto de vista físico-biológico, isto é, como um aglomerado de células, entidade física ou então para outras opiniões o corpo pertencia a um ser cósmico sem relações com a natureza e as coisas, em outras palavras, um objeto sagrado sem mais mistérios a revelar ao homem (LOPES, 2012, p.48).

O corpo está em todos os lugares. Comentado, transfigurado, pesquisado, dissecado na filosofia, no pensamento feminista, nos estudos culturais, nas ciências naturais e sociais, nas artes e literatura (SANTAELLA, 2004, p.2).

A cultura física foi incentivada pelas divulgações nas revistas e jornais, em uma época em que o corpo do homem e da mulher eram ou deveriam ser modernos, sendo atribuído a esse termo primariamente um substrato de beleza e saúde, atrelados ao corpo belo, que significava um corpo saudável e sem fraquezas fisiológicas (BEGOSSI e MAZO, 2015). Assim a ginástica entra em foco, por ser um dos temas centrais referentes ao culto ao corpo.

Esse estereótipo de corpo é bem presente nos esportes, como no caso das Ginástica Competitivas, nas quais os atletas se submetem a treinos e dietas para alcançar determinado peso e medidas que são necessárias para uma melhor performance sabendo-se que caso o atleta não alcance os padrões estabelecidos acaba sendo rejeitado ou não “salta” aos olhos dos olheiros para um possível patrocínio. A Ginástica é uma das práticas na qual o corpo é evidenciado como o sujeito maior, o principal, o destaque, ampliando as discussões acerca do padrão corporal

exigido pelas modalidades competitivas.

Mas voltemos ao nosso foco, a GPT, que além de não exigir um padrão corporal, ainda se utiliza dos fundamentos das demais ginástica para permitir a quem a pratique, uma gama de possibilidades e amplia a aquisição de movimentos e a visão de corporeidade.

Respeitar a individualidade é justamente entender que cada corpo trabalha e se comporta de uma forma diferente, respeitando os limites e incentivando a potencialização das capacidades do corpo justamente para construção dos valores e formação do ser crítico, portanto, longe da exclusão, na GPT se busca a participação numa visão totalitária do corpo.

A GPT abre os horizontes para uma visão plural de corpo, porém não é uma relação direta, não tendo um estereótipo e nem uma cobrança midiática para alcançar o chamado “corpo perfeito”, mas diferente disso, ela é inclusiva e possibilita a participação de todos. Conforme Ramos e Viana, (2008), por essa ginástica não ser competitiva, pode quebrar paradigmas impostos pela sociedade/mídia que relacionam ao ideal de “corpo perfeito”, não importando a flexibilidade, peso, altura e idade, pois ela não segrega, o praticante pode ser magro ou obeso, alto ou baixo, homem ou mulher, criança, adulto ou idoso entre outras situações, justamente por ser inclusiva.

As estratégias de GPT apresentam muitas possibilidades de se pensar o corpo, não apenas como uma matéria a ser manipulada, modificada, mas como um corpo-sujeito capaz de se significar, se aceitar e desenvolver suas potencialidades físicas, psíquicas, cognitiva e social, para se tornar um ser crítico e com formação integral, capaz de contribuir na sociedade. Sem existir padrão corporal, qualquer indivíduo é integrado na sua realização.

O ser é autor da sua história, ele é sujeito importante, se significa e tem a sua valorização, dando enfoque que o corpo e o ser são inseparáveis, são uno e que é necessário aceitar-se, para que através do valor a ele imposto, o sujeito se tornará ainda mais participativo dentro da nossa sociedade.

Distante da questão performática nas ginásticas competitivas, na GPT o corpo precisa viver para ele mesmo, atendendo às suas exigências e percebendo-se como parte do mundo, além da cultura, dos rituais, das tradições, indo além de uma visão limitadora.

Através desse pensamento talvez encontrar um novo conceito para o corpo e identidade através da hibridização dos corpos, indo além da contemporaneidade, que é um corpo com visão de produto. Entretanto, na GPT o corpo pode ser tratado de forma individual, dentro das suas limitações, necessidades, agregando toda e qualquer significação que lhe é atribuída, além da conexão entre o grupo, onde a aceitação predomina.

A GPT pode ter o poder de valorizar o homem do corpo / corpo do homem, aliado a

cultura, a natureza, a regionalidade de determinado lugar. Assim, Soares diz que o corpo é acesso a identificação, o que é confirmado pelo processo histórico, e como a história é processo, vista dialeticamente cada época, cada povo é resultante de um momento próprio e único (SOARES, 2016, p.76).

De acordo com Soares (2014) a ideia de corpo é ditada pela forma como a sociedade se organiza, mas não apenas fisicamente ou pelos rituais de passagem, escarificações, tatuagens. A sociedade brasileira indígena passa pelo processo de fabricação interna e externa, onde o corpo é produto de criação social, da tradição, dos costumes, o que é resultado da sociedade e da intervenção vivida pelo xamã.

O corpo na perspectiva da GPT é um corpo adaptável e que se concretiza através das coreografias que em sua grande maioria tem um olhar voltado para a cultura local, utilizar o corpo como uma linguagem gestual acompanhada de música que leva a quem assiste interpretar de que forma ocorre a cultura em determinado lugar.

## **CAPÍTULO II –A REPRESENTAÇÃO DOS MITOS E RITOS AMAZÔNICOS NA GPT**

### **2.1 A beleza, a importância e o significado de elementos da cultura amazônica.**

São tantas as descrições a respeito da Amazônia, vistas de vários prismas, para alguns autores um olhar utópico, “Pulmão do mundo”, “De beleza sem igual”, “Selva de Pedra”, podemos encontrar um leque de definições. A Amazônia por sua natureza exuberante, por seus rios caudalosos, animais exóticos, reforçam a complexidade deste lugar. Estes aspectos dão a este lugar o caráter pujante pela vivacidade que sentimos ao penetrar à floresta. Estas qualidades fazem dela a provedora da vida do homem amazônico, e desta maneira promotora de sua cultura.

Este é um cenário propício para criação, logo enseja o artista amazonense as suas inspirações, que ao repousar o seu olhar em suas belezas sente-se inebriado por seus atributos lhe conduzindo à inventividade devido proporcionar a ele um conhecimento diferenciado. Conhecimento este que lhe faz sobressair diversas qualidades: o saber ouvir, o saber contemplar, o saber perceber o mundo a sua volta de maneira própria que acabam por lhe identificar como sendo características do caboclo e homem ribeirinho.

Neste sentido foi esta a forma singular que certificou a cultura da Amazônia como genuína, como também a existência dos habitantes da floresta, os indígenas, chamados também de povos originários que são próprios da natureza e fazem a composição deste lugar, e assim como as águas, a fauna e a flora dão a esta região um clima de mistérios e de espiritualidade

Desta maneira os precursores da GPT, com um toque de artista amazonense, pelos atributos do caboclo ribeirinho, visualizaram as belezas naturais de nossa região, suas histórias em suas peculiaridades e propuseram um novo caminho para a ginástica, sendo este fator determinante para que os aspectos naturais fossem introduzidos na ginástica e que a fizesse sobressair das outras modalidades ao ponto de colocar a GPT do Amazonas em destaque nacional e internacionalmente.

Neste sentido, somou-se a vivência empírica, o que viram e ouviram em histórias narradas na literatura amazonense e adaptaram a linguagem corporal dos movimentos, das expressões corporais dos elementos mitológicos em linguagens artísticas como: dança, teatro, música e pintura, trazendo no enredo da apresentação da GPT as diversas formas de expressão artística para compor sua atividade.

Afinal, sabemos da importância das histórias para os povos originários, os indígenas, como sabemos também devemos respeitá-los por ser sua a propriedade dos mitos e ritos da

floresta, por isso precisamos dar a saber a devida importância para a floresta, pois dela eles extraem a sua sobrevivência, e por consequência a história da sua origem, a exemplo o povo Tikuna, que se identificam por Magüta, por terem nascidos nas águas dos rios, dos igarapés e das chuvas. Estas histórias dão vida a elementos naturais fundamentais para a manutenção da vida na floresta, onde tais narrativas são encontradas em outras pesquisas e que confirmam por etnografias a relação e a manutenção da natureza com a vivência e permanência desses povos nas florestas.

Tais falas são interpretadas e a elas é dada à releitura sobre seus mitos e ritos que são o diálogo entre eles, indígenas com os seres sobrenaturais os ditos “encantados” e que esta relação bem sucedida ameniza os possíveis desequilíbrios entre a natureza e eles, onde suas relações humanas sociais estejam mantidas em equilíbrio como o nascimento, o casamento e a sua morte.

E é nesta dinâmica que os primeiros habitantes desta região, os indígenas, entendem o ciclo da vida na floresta por milhares de anos e nos enriquecem por seus ensinamentos. Um desses ensinamentos é como sobreviver ao fenômeno da invasão das águas. Este fenômeno que acontece todos os anos formando enchentes e vazantes, adentram as comunidades ribeirinhas deixando-as sujeitas a este ritmo da natureza.

Para interpretar o fenômeno das águas Amazônicas, as narrativas de pesquisadores, como Curt Nimuendajú entre tantos outros os quais afirmam que a origem da sua vida vem a ser das águas, e esta versão Tikuna é que alimenta os ritos e mitos oriundos de sua cosmovisão que eles acreditam que desta maneira estabelecem uma relação entre céu e terra, afirma Faulhaber (2019) isso vem a ser um dos efeitos meteorológicos como e por isso uma astronomia cultural. Neste caso o conhecimento, a sabedoria do povo Tikuna que prevalece sobre o risco de sua existência e das possíveis implicações que as intempéries naturais possam causar a sua subsistência.

Soares (2014, p.18) aponta que a região que habitam os Tikunas possui clima Tropical, onde há o predomínio da muita chuva. Isto ocasiona problemas de aumento do volume de águas nos rios, ocasionando enchentes, desta forma dificultando a pesca e a locomoção destas populações.

Se por um lado tal fato poderá limitar a vida das comunidades indígenas, por outro fortalece a “teima da vida” afirma Euclides da Cunha (2000) o que para nós poderia ser um desajuste, para eles, um modo vida, que faz deles um povo mais resistente, por ter a capacidade de reorganizar-se naturalmente e traçar estratégias para continuidade da vida, logo a vida deles caminham com o quê a natureza lhe impõe não somente fisicamente mais principalmente fatores

metafísicos fazendo deles especialistas em sobrevivência na floresta Amazônica .

O povo Tikuna divide a sua sociedade em clãs. Clãs que nasceram dos peixes, dos pássaros, dos animais e estas características é que prevalecem na ordem de importância em sua organização social, por exemplo o regimento dos casamentos que só é possível por indicação de clãs diferentes e nunca com indivíduos que sejam da mesma clã segundo a pesquisa de Curt Nimuendajú (1952).

Assim sendo, a vivência com a natureza deixa-os mais próximos com seres sobrenaturais que se apresentam durante a execução de seus rituais, pois os povos da floresta acreditam que as comunicações com estes seres sobrenaturais podem amenizar problemas entre eles como com a comunidade de forma geral.

Pelas narrativas do seu modo de vida, esses povos nos fornecem uma amplitude de interpretação, a organização social, seus ritos e mitos que nos trazem a explicação da sua cosmologia e nos dão elementos para construção de nossa cultura e das nossas manifestações culturais. Aborda CRUZ (2007):

Os Ticuna se reportam aos seus mitos, festas e cerimônias, às atividades cotidianas e ao conhecimento que possuem sobre a natureza. Nesses momentos de aproximação com a cultura tem ainda a possibilidade de exercitar a tradição oral e a educação comunitária, repassando as crianças a arte e os ricos conhecimentos milenarmente construídos e que estão fortemente impregnados nos objetos fabricados e comercializados (CRUZ, 2007, p.29)

Neste sentido, por meio do estudo de Cruz (2007) entendemos o povo Tikuna pela importância dada por eles à execução de seus ritos, as quais compõem teorias sobre a sua origem, a vida, e a morte, é dada consideração primordial ao Corpo, pois para eles, este é um processo não acabado e de contínuo processo de construção, de fabricação.

É necessário apropriar-se deste conhecimento por aproximação a exemplo das narrativas dos fenômenos das águas como a força das águas presente na chuva, nas enchentes, a vibração do sol, a pujança das florestas, às composições diversificadas, a revoada sincrônica dos pássaros e a força dos espíritos da floresta e transformá-las em encenação viva dado aos movimentos e agrupamentos e resultando em grande beleza cênica e impactante.

E ao utilizar-se das temáticas amazônicas prepara-se os integrantes não somente como um corpo que dança, mas também como atores, que emprestam seus corpos com sua cultura para a dança, caracterizam-se como os personagens do nosso folclore, personagens que carregam enigmas, e sempre deixam uma moral a ser interpretada é o caso da história do Curupira, da Matinta Pereira, da Vitória Régia, da Cobra Grande, da Iara dentre outros, além

da caracterização dos personagens regionais, como o Caboclo, o canoeiro, o pescador, a Cunhã Poranga, todos enaltecendo a representatividade da cultura do Amazonas.

O grupo desta forma vem se fortalecendo a cada trabalho desenvolvido e a cultura amazônica ganhando espaço e grande destaque, afinal os festivais amazônicos são um show à parte e englobam muitos elementos gímnicos como capacidades motoras: saltos, piruetas, acrobacias, elementos de flexibilidade, força e etc., além da dança, que permite contar histórias de regionalidade cultural amazônica, pois somente através das tradições e da troca entre gerações podemos confirmar nossa riqueza cultural e assim fazer a transculturalidade para as atividades da GPT.

## **2.2 O processo de escolha de mitos da cultura amazônica e sua incorporação nas coreografias da GPT .**

Para entendermos o processo de construção das coreografias precisamos adentrar ao mundo dos ritos e mitos presentes na cultura amazônica, a princípio sabendo que mito e rito são intrinsecamente ligados entre si, e para tanto devemos falar de ambos, e valorizar a história oral, e logicamente suas vivências.

Para nós, a escolha de elementos que compõem as coreografias também é resultado do contato durante a nossa infância, no período escolar de aprendizagem, e com essas narrativas que povoam a nossa memória e compõem um esquema simbólico que é cercado de significados e que ressurge na prática fazendo-se presente em nossas manifestações folclóricas.

Apesar de nossa cultura ser fruto da miscigenação entre o branco, o índio e o negro, entendemos que a cultura indígena é a que prevalece dentre as outras em nossa sociedade amazônica, onde somos culturalmente estimulados pelo estreito contato com os elementos da natureza indígena.

Os elementos da cultura miscigenada são ressignificados no imaginário da criança, e aparecem em nossas manifestações socioculturais como no folclore, nas danças e nas músicas; a exemplo citamos o Festival Folclórico de Parintins, que é uma manifestação artística regionalizada de expressão máxima da cultura local.

Tomando como referência a dimensão cultural da região amazônica, o tradicional ritmo musical do Carimbó, o folguedo do Boi Bumbá, as cantigas de roda, as brincadeiras tradicionais e as lendas amazônicas, podem oferecer movimentos para serem inseridos em sequências de fundamentos de dada modalidade e, com isso, promover um novo significado gímnico, o que pode acontecer com muitas outras manifestações populares da Amazônia. Cabe ponderar, que embora se incentive a vivência de elementos da cultura de determinado grupo, é importante também a apropriação de outras culturas, em

um processo coletivo, criativo e contínuo (TOLEDO et al., 2016).

O Festival firmou-se como uma das maiores festas populares, reconhecida como a Festa dos Bois, uma epopéia que se apresenta no município de Parintins que em sua encenação traz a miscigenação dos povos descritos nos personagens que contam a história da morte e ressurreição do boi, que por conta de um desejo de uma mulher grávida que queria comer a língua do boi. Seu marido não exitou e matou o boi para lhe saciar o desejo e no desenrolar da história, as figuras que se sobressaem são o padre e o pajé que são chamados para ressuscitar o boi.

Nesta manifestação folclórica a princípio, o boi é o elemento central da festa, com sua morte e ressuscitação, um animal que ajuda o homem em seu trabalho no campo e representa a atividade agrícola, mas nesta festa o boi perde o carácter do campo e passa a ser entendido como o protagonista de uma manifestação folclórica.

Com o passar do tempo esta festa regionalizou-se e tomou aspectos indígenas e agregou releituras de apresentação de rituais, de elementos mitológicos e sobrenaturais, e a representação das danças indígenas identificadas como tribos, e as alegorias gigantescas de animais da amazônica como a onça, jacarés, e a cobra grande, e a representação dos Tuxauas, enormes capacetes como são chamados fazendo uma grande composição com os elementos da natureza sob o ritmo do tambor e o balanço de toadas são apresentados anualmente no mês de junho na cidade de Parintins.

O povo Sateré-Mawé habita entre os municípios de Barreirinha, Maués e Parintins, no estado do Amazonas e constitui um grupo da família linguística Tupi-Guarani. O primeiro nome - Sateré - quer dizer "lagarta de fogo", referência ao clã mais importante dentre os que compõem essa sociedade, aquele que indica tradicionalmente a linha sucessória dos chefes políticos. O segundo nome - Mawé - quer dizer "papagaio inteligente e curioso".

Um dos acontecimentos mais significativos para o povo Sateré-Mawé, é o Ritual das Tucandeiras, onde se realiza a iniciação masculina, quando os jovens, para provar a força e a coragem passam por esse ritual quando colocam as mãos dentro de luvas chamadas de "saaripé", que são confeccionadas com palhas artesanalmente e adornadas com penas de arara. No interior das luvas são colocadas mais de 100 formigas silvestres denominadas "tucandeiras" ou "tocandiras", que são presas entre seus traçados de palha. O jovem que participa do ritual, ao sentir as picadas das formigas, não deve gritar nem demonstrar sofrimento.

Sandy Yusuru, (2022) em entrevista ao Atelier Amazônico, nos fala sobre o jovem indígena Sateré-Mawé que passa por este ritual, e da importância dada por ele a esta prática não

apenas para prepará-lo para a vida adulta, mas também por funcionar como uma vacina que irá aumentar a imunidade do seu corpo.

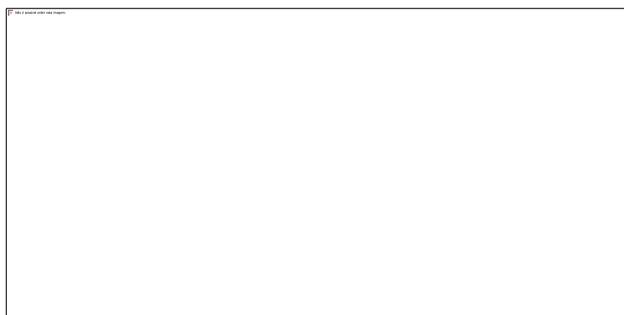
"A importância do ritual da tucandeira é a passagem do menino para a vida adulta. É importante, pois prepara o menino para ser um bom caçador, preparando-o para a vida adulta, sem contar que a ferroadada da tucandeira é como uma vacina, assim, aumenta a imunidade do menino e faz com que ele seja forte (Yusuru, 2022, p. S /N)"

Conforme segue a entrevista, Sandy Yusuru nos fala dos significados, e como o ritual é realizado, desde a sua abertura, o processo para esta cerimônia e o ritual em si, quando são preparadas as luvas, a coleta de formigas, tudo acompanhado por cantos e danças. Ela afirma que: *"os cantos são cantados somente pelos mais velhos e acompanhados pelos mais novos, e as danças são abertas a qualquer um, sendo atividades que não cessam"*.

Os jovens submetidos ao ritual devem efetuar movimentos corporais específicos com os pés, as mãos e o corpo como um todo, e às vezes recebem auxílio de um membro mais velho condutor do ritual e de alguns dos demais participantes. Um acessório sonoro como um chocalho é colocado nos tornozelos do jovem iniciante, feito de cascas de castanha ou maracá, os quais são fixados ao corpo do rapaz pouco abaixo do joelho direito.

O ritual se realiza quando cantam e dançam com o jovem iniciante acompanhado por um mais velho, e nas mãos as luvas contendo as formigas. Assim que as formigas começam a morder, o jovem começa a desferir golpes com a sola do pé direito no chão.

**Figura 1.** Em festividade um grupo de jovens indígenas em execução do ritual



**Foto:** Marina Souza/Agência Brasil

A imagem fotográfica nos mostra os jovens rapazes acompanhados com um indígena mais experiente que lhes apoiam os braços à altura do cotovelo para que este não fraqueje com as dores causadas pelas ferroadadas das formigas e acabe por apoiar as mãos.

A dança é realizada em círculo e é composta de um único passo que é repetido simultaneamente por todos, onde somente tem finalização após o jovem iniciante completar o círculo no centro da aldeia. Os passos para a frente, para trás e para o lado são movimentos

coletivos que podem ir para a direita e para a esquerda, dependendo do que for determinado pelo comandante. Além disso, a dança representa um coletivo unido e preparado. Segundo Sandy Yusuru, *"Os rituais acontecem nas aldeias nos meses de abril e novembro, são os meses que mais acontecem as festas para o ritual"*.

Muitas histórias contadas tornam-se lendas que surgem a partir das histórias orais dando vida ao mito. As lendas amazônicas são enriquecidas pelo contexto em que são criadas e de onde brotam elementos que possuem em suas ações um sentido mágico que faz desses elementos personagens sobrenaturais.

A exemplo, citamos a lenda da cobra grande, conta-se que uma mulher indígena engravidou e deu à luz à beira de um rio a um casal de gêmeos. Alguns especulam que a paternidade seja atribuída ao boto, já outros dizem que, na verdade, são filhos da cobra-grande, pois os gêmeos possuem a forma de duas serpentes (COELHO, 2003).

Devido a esta situação, a mãe teria corrido para consultar o pajé da sua tribo. A indígena questionou se deveria matar seus filhos, entretanto, o sábio pajé afirmou que jamais poderia praticar tal ato, em razão de que também morreria. Após tamanho espanto e confusão causados pelo nascimento dos gêmeos à comunidade, foram lhe dado os nomes de Honorato e Maria Caninana, no entanto não foram reconhecidos como moradores locais.

Sem saber o que fazer com tal situação foram abandonados por sua mãe à margem do rio Tocantins, um dos principais afluentes do rio Amazonas. Os filhos se tornaram cobras gigantes. Caninana cresceu nutrido raiva e amargura; ela era considerada má e perigosa. Diziam que a gêmea malvada derrubava embarcações, alagava rios, afogava moradores e banhistas. Era considerada um desastre para os rios e para os ribeirinhos.

Já Honorato, era uma cobra diferente da sua irmã, pois nutria generosidade e bondade. Era dito como um tipo de herói que vivenciava aventuras e ajudava aqueles que eram prejudicados por sua irmã, Maria Caninana.

Conta a história que Honorato decidiu enfrentar a própria irmã por não aceitar seu comportamento perverso e como resultado final Maria Caninana foi morta e derrotada por seu irmão, a cobra honorato, em uma batalha épica (RULI,s/d).

Esta história como lenda amazônica foi o enredo de uma das mais famosas toadas do Boi Garantido, do Festival de Parintins. Na manifestação folclórica esta batalha é contada ao contrário da lenda original, pois por meio da releitura os artistas e os compositores ressignificam a história que foi contada em forma de toada e ainda optaram pela versão onde a cobra Caninana não é morta, e sim transformada em uma linda mulher, que é a cunhã-poranga do boi Garantido no festival.

O mito era o suporte antigamente da sociedade, pois a ligação entre homem e o mito religava meio com o sobrenatural, havendo do homem mortal com os deuses, isto é, os seres infinitos. Assim, é necessário o dia-a-dia se faz necessidade (NASCIMENTO, 2007). Ainda mais devido os relatos de Freire (2003) quanto a formação cultural brasileira, a escola tem favorecido historicamente para apagar a participação de diferentes povos indígenas, o que é grave para todos na sociedade.

Por causa disso é necessário contar as lendas e estimular o imaginário popular, onde seu interesse se passa em ouvir as histórias heroicas que trazem em seu enredo soluções para problemas diversos desta forma as lendas contribuem para o conhecimento da cultura do povo amazonense e enaltece os descendentes indígenas, a quem ainda é imposta a imagem de sem cultura e sem saberes.

Uma outra lenda é a do Guaraná, por se tratar de uma bebida energética e mística é muito apreciada tanto pelos ditos brancos como pelos indígenas. Ambos a consideram tão saudável quanto importante e chegam a utilizar quase que diariamente por várias razões e uma delas é considerá-la um rejuvenescedor da vida. (COELHO, 2003)

Os índios Maués contam que havia um casal que possuía um único filho, saudável e feliz. Todos os habitantes da aldeia gostavam muito da criança e afirmavam que ele se transformaria em um grande chefe guerreiro. Devido a importância dada pela aldeia ao menino que crescia com atributos de um guerreiro, aguçou o sentimento de ciúme e inveja de Jurupari, o deus do mal.

Ao explicar a origem desta bebida tão gostosa e refrescante que temos hoje, os índios costumavam contar uma lenda muito bonita em uma aldeia dos índios Maués. Isto fez com que Jurupari, o deus do mal sentisse muita inveja do menino e para eliminá-lo transformou-se em uma enorme serpente e, enquanto ele distraidamente colhia frutinhas na floresta, ela atacou e matou a pobre criança. Seus pais, que nada desconfiavam, esperaram em vão pela volta do indiozinho, esperaram muito, até que o sol foi embora. Veio a noite e a lua a brilhar no céu e a iluminar toda a floresta. Seus pais já estavam desesperados. Toda a tribo se reuniu para procurá-lo.

Quando o encontraram estava morto na floresta, uma grande tristeza tomou conta de todos. Ninguém conseguia conter as lágrimas. Neste exato momento, uma grande tempestade desabou na floresta e um raio veio cair bem perto do corpo do menino. Todos ficaram muito assustados, a mãe da criança pediu aos índios para enterrarem os olhos do menino, pois esta era vontade de Tupã, já que nasceria no local onde fossem enterrados uma nova planta que iria trazer muita alegria e felicidade a todos. Assim foi feito os índios plantaram os olhinhos da

criança imediatamente conforme o desejo de Tupã, o rei trovão.

Alguns dias se passaram e no local havia uma plantinha que os índios ainda não conheciam. Era o Guaranazeiro. É por isto que os frutos do guaraná são sementes negras, rodeadas por uma película branca muito semelhante a um olho humano.

Como representantes típicas das lendas mitológicas femininas vamos falar da “Lenda da Iara”, esta lenda está relacionada a explicar a origem da flor vitória-régia, por se tratar de uma lenda feminina trazemos a história de uma linda indígena que acreditava que a lua escolhia as meninas mais bonitas para transformá-las em estrela. Naiá, como era chamada, sonhava em ser chamada pela Lua para que se tornasse uma estrela. O seu desejo era tão grande que já não dormia mais, todos os dias saía durante a noite para ficar olhando para a Lua, pois pensava que assim ela a escolheria.

Em uma certa noite, andando à beira do lago viu a imagem da Lua refletida nas águas do lago, logo pensou que a Lua tivesse descido para buscá-la, e ao cair nas águas profundas do lago morreu afogada. E lá do alto, a Lua, compadecida por ter colocado a sua vida em sacrifício a ela, transformou-a em uma linda estrela, mas diferente das que brilham no céu, transformou-a em uma flor da Vitória Régia.

Nas coreografias da GPT, a oportunidade de usar da criatividade faz reviver estas lendas com suas memórias culturais que estão impregnadas em nossa cultura nortista, por meio dos elementos coreográficos que evidenciam nossas riquezas e contam a nossa história. A construção coreográfica permite a quem assiste, informações que remetem às cores, formas, expressões, movimentos, paisagens de determinado local. Cooperando para uma troca de conhecimento entre as demais regiões, e quem sabe outros países, que afloraram o sentimento de pertencimento a nossa região.

### **2.3 A presença da cultura amazônica vivenciada nas coreografias da GPT como elementos vivos.**

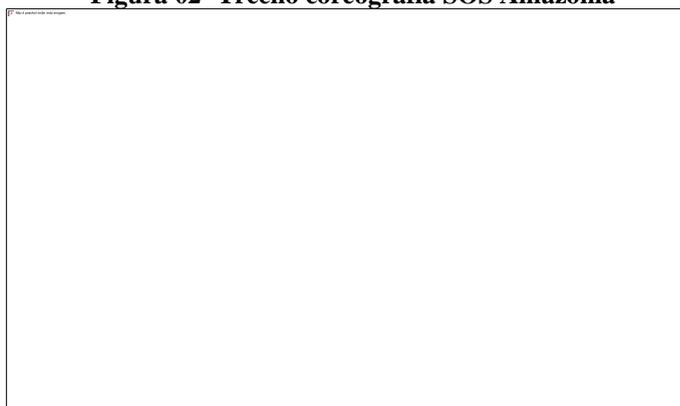
Neste item abordaremos como a cultura amazônica pode se transfigurar, sair da oralidade, do papel, do imaginário amazônico, como a literatura amazônica, que por suas potencialidades pode ser usada no campo da educação corporal, localizando na Ginástica para Todos o viés interpretativo desse conhecimento, que vai além do dançar artístico apreciativo e se transforma em um espetáculo de diversidade e transculturalidade quando é utilizado em uma apresentação tendo o corpo diverso como principal elemento.

Cabe a cada sociedade a valorização de sua cultura, para que possa se manter viva ao longo dos anos de geração a geração, assim também a GPT, cujo enfoque não está somente nas

potencialidades do corpo, como na busca da perfeição corpórea, mas focando o corpo na sua cultura, em suas peculiaridades e diversidades, pois na GPT, o corpo também é visto de diferentes ângulos, afinal em cada povo o significado de ambos depende de uma determinada visão geral ou individual do grupo ao qual pertence.

Para a GPT, o corpo também estabelece as possibilidades do movimento e se adiciona a possível coreografia, o tema escolhido, e aos personagens, então a escolha acontece na aproximação destes critérios. E quanto aos temas, depois de indicada a temática da comemoração ou intuito do evento, estruturam-se a dança pelos elementos da natureza, e a partir deste ponto realizam-se as reuniões para organizar o grupo e estudarem juntos as coreografias e indicar por adequação corpórea o que será executado, coreografado.

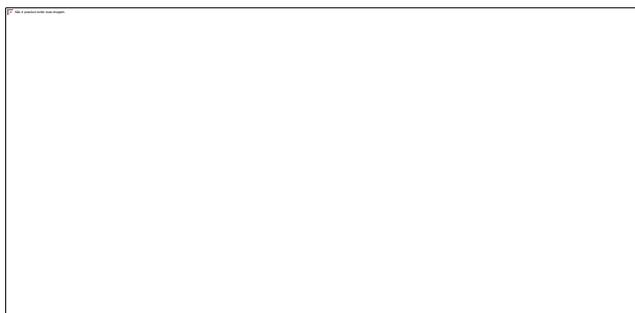
**Figura 02- Trecho coreografia SOS Amazônia**



**Fonte** : vídeo do Youtube canal Prodagin

A imagem apresentada acima é uma das expressões corporais que representam o movimento e o contato do homem com a natureza das águas, assim foi escolhido lugares que tivessem a presença das águas. Foram executadas em Manaus e no município de Manacapuru, onde do cruzamento de braços e pernas, a abertura dos braços em movimento ondulatório nos dão a ideia das águas dos rios. O elemento da natureza que quase sempre está presente é a representação das águas, por inspirar e levar o entendimento de essencial para a vida.

**Imagem 03** - Trecho da Coreografia Amazonas: Identidade Cabocla



**Fonte:** vídeo do Youtube canal Prodagin

Nas imagens acima são desenhados os movimentos executados que compuseram a coreografia “Amazonas: identidade cabocla” e que teve por enredo a sensibilização para com a Natureza, e todos os seus seres os vivos e não vivos que acompanham e estão presentes na vida do ribeirinho, como animais, o boto, na representação dos peixes, a onça pintada com sua estratégia felina de caça demonstram a resistência, e os não vivos, os encantados que vivem nas florestas e nas águas sentidos por sua pujança, estes são criados pelo imaginário caboclo.

Se fez necessário para tanto não somente as vivências com a cultura Amazônica, mas a participação através de cursos, oficinas e capacitações sobre a GPT, isto foi possível devido a institucionalização da Federação de Ginástica que propiciou o contato com outras regionais de ginástica que já faziam sua atividades desta maneira.

Neste ínterim surge o interesse do grupo PRODAGIN-FEFF/UFAM em se qualificar para executar suas atividades dentro da modalidade GPT, e que através deste intercâmbio isso foi possível devido ao contato deles com esses outros lugares no Brasil, que já se apresentavam com uma linha regionalizada de ginástica.

O contato do grupo Prodagin (FEFF-UFAM) com o grupo GYMNUSP (USP), resultou em uma parceria entre os dois programas de extensão, onde puderam estudar e adequar em que medida suas realidades se aproximava e desta forma intercambiar este conhecimento (CABO VERDE; NASCIMENTO, 2021).

Foi em 2018 que se concretizou quando um grupo de cinco participantes que já sabiam o que desejam para esta nova modalidade de ginástica se encontraram com o intuito de uma troca de experiência, durante o festival semestral do GYMNUSP, onde oportunizados por cursos, palestras, passeios e oficinas, interagiram com um único objetivo trazer essa aprendizagem para Manaus, surgindo desta maneira, para nós, uma nova possibilidade de se trabalhar a Ginástica.

Segundo as definições e os fundamentos utilizados nas demais ginásticas, tendo como

regra primária as posições de base, de intermediário e de volante, norteou-se a construção das primeiras figuras individuais, depois as de duplas, trios e por fim em conjunto juntamente com o exercício do agrupamento. Nesse processo os integrantes verificaram que havia uma adaptação dos movimentos que estava direcionada às manifestações folclóricas amazonense, ou seja, dentro do contexto amazônico, assim surgiu a ideia de se criar um grupo de GPT na FEFV (CABO VERDE; NASCIMENTO, 2021).

Com o surgimento do grupo da GPT no Amazonas, deu a este grupo qualidades que lhes possibilitaram a participação no Gymbrasil, evento nacional de GPT, onde as demonstrações coletivas abarcam a ginástica para todos. O grupo viu aí a oportunidade de apresentar o que foi elaborado durante o processo de aprendizagem como resultado dos estudos para construção da GPT.

O Gymbrasil em 2019, evento Nacional realizado em Goiás foi uma vitrine para o trabalho idealizado e desenvolvido no Amazonas, porque levava não somente a ginástica como uma atividade gímnica, mas porque apresentou a cultura amazônica em forma de bandeira de luta e resistência trazendo para o Amazonas mais uma conquista, em saber que o nosso modo de fazer ginástica está para além do todo, nos diferenciando pelo trabalho e pela criatividade.

Com a temática do Boi Bumbá, trazendo a Festa folclórica dos bois como enredo da apresentação o grupo deu destaque para a saga do boi e suas alegorias, onde apresentaram movimentos orquestrados pelo ritmo do tambor e na melodia das toadas embalando a coreografia e contagiando o público presente.

. O grupo compôs coreografias de expressões corpóreas e miméticas que revelassem ao mundo o contexto em que as populações originárias do nosso país estão sendo tratadas e o que estas vivenciam em seu cotidiano, não deixando dúvidas do descaso do governo para com eles, além de denunciar a falta de respeito aos direitos desses povos, como também por outra interpretação a coreografia vem mostrar o orgulho de ter correndo em nossas veias o sangue “indígena” que nos ensinam com sua cultura como manter a floresta viva e desta maneira a preservação da vida todos.

#### **Imagem 04 - Cena da Coreografia Identidade Amazônica**



**Fonte:** vídeo do Youtube canal Prodagin

Além do indígena como figura central, o orgulho por se definir índio, foi elemento constituinte nessa coreografia, na imagem acima vemos os participantes trajados com a indumentária regional indígena foi utilizada o saiote, bracelete, cocar, colar e perneira, tudo fazendo relação cultural e folclórica.

Os materiais utilizados foram o bambu, retirado próximo ao terreno da UFAM, bairro Japiim para realizarem algumas acrobacias em torno dele, enquanto dois participantes seguram nas extremidades; a roupa construída foi um macacão no qual foram feitas pinturas indígenas ou a pintura foi feita no próprio corpo.

Foi muito importante a receptividade do grupo nesse evento, pois o sentimento de pertencimento foi aflorado e a valorização da nossa cultura elevou-se, tendo o grupo chegado em Manaus com grande contentamento, afinal além das apresentações coreográficas foram feitas exposições orais voltadas para essa temática, trabalhando-se a pesquisa através das apresentações de relatos de experiências. Nessa coreografia além das roupas, pinturas, gestos, movimentos tribais, maquiagem, a cultura indígena foi evidenciada e houve uma interação de conhecimento cultural, afinal a plateia pôde ver parte da nossa região através da apresentação.

Estudos estão sendo feitos em prol dessa temática, como a Tese de Doutorado da Professora Lionela da Silva Correa que se debruçou para descrever o trabalho que vêm ocorrendo dentro do campus da FEFF, com o título “A GINÁSTICA PARA TODOS NO NORTE DO BRASIL” o qual fiz parte como participante. Mas o que me instigou foi entender de que forma a ginástica ocorria em nossa região, afinal, achar que a GPT iniciou agora seria ingenuidade, pois suas características foram descritas por personagens que ajudaram a construir essa história.

## CAPÍTULO III - O ENCONTRO DA GPT COM OS DESBRAVADORES NO AMAZONAS

### 3.1 Trilhas percorridas: personagens, criação da Federação Amazonense de Ginástica (FAG)

A Ginástica no Amazonas vem ganhando notoriedade no decorrer dos tempos. Sua prática já acontece na região, de diferentes formas, há pelo menos cinco décadas, no entanto seus registros muitas vezes ficaram na memória e documentos de alguns praticantes, gestores, técnicos, professores, ginastas que fizeram parte dessa construção. Assim, ter a oportunidade de reunir tais acontecimentos em um documento é fundamental para eternizar essa história.

Os personagens aos quais daremos fala são importantes por serem considerados excelentes profissionais da educação em sua trajetória profissional, e por sua relevância em contribuir de maneira significativa à história da Ginástica em termos gerais e principalmente para a construção do que chamamos hoje de Ginástica para Todos - GPT. São eles: Thales Verçosa, Afonso Nina, Jeanne Abreu, Patrícia Machado Vaz, Kathya Lopes, Hyldelcy Freire, e Artemis Soares, que se destacaram em suas carreiras profissionais exercendo função de presidente de clube, técnico(a), professor(a) e ou ginastas. Nesta jornada alguns já faleceram, mas fazemos questão de citá-los em respeito e honra de sua memória (in memoriam).

Em nosso trabalho todos são relevantes, mas devido às circunstâncias adversas da pandemia da Covid- 19, e por alguns já terem falecido, não nos foi possível ouvir a todos, razão por que utilizamos somente as falas de alguns desses profissionais, são eles:

**Quadro 1. Informações gerais dos entrevistados**

Nº	PARTICIPANTES	INFORMAÇÕES GERAIS
1	Thales Freire de Verçosa	Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), foi eleito o primeiro presidente da FAG (Federação Amazonense de Ginástica), e após ser chamado para trabalhar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde montou a sua primeira equipe, passou a ter contato com a ginástica. Suas grandes atuações estão voltadas para o esporte.
2	Afonso Celso Brandão Nina	Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília/ 2010 na área de Bases Socioculturais da Atividade Física e Saúde, possui mestrado e graduação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), atualmente professor adjunto da UFAM. Podemos destacar sua experiência na área de Educação Superior,

		com ênfase em História e Filosofia da Ed. Física e Sociologia dos Esportes, onde atua principalmente nos seguintes temas: educação infantil; qualidade de vida, história da educação física; ludicidade e habilidades motoras; esporte e cultura; métodos e técnicas de pesquisa em Ed. Física, didática da Ed. Física, habitus esportivo e esporte na terceira idade.
3	Patrícia Machado Vaz	Foi professora de Educação Física e Fisioterapeuta, contribuiu com a ginástica no Amazonas atuando no âmbito escolar.
4	Kathya Thomé Lopes	Professora titular da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas, possui doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano realizado em São Paulo (1999), tem experiência na área de Atividades Motoras Adaptadas, deficiência intelectual, e educação inclusiva e trabalhou na área da Administração e Gerenciamento de Projetos e na Gestão Estratégica de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas.
5	Jeanne Chavez de Abreu	Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia, sendo graduada em Educação Física, especialista em Educação Física, Técnica Desportiva em Ginástica Rítmica Desportiva, Especialização em Ginástica Rítmica Desportiva. Atualmente atua na área da dança.
6	Maria Hildecy Freire da Silva	Graduada em Educação Física, atuou muito na ginástica escolar quando era professora pela Prefeitura de Manaus.

**Fonte:** Autoria Própria

O contato inicialmente para a coleta de dados foi online, desta forma fundamentamos esta pesquisa, e também deixamos registrada sua colaboração com seus grandes feitos junto a GPT, pois todos eles que aqui passaram deixaram suas marcas sejam materiais e/ou imateriais que compõem desta forma a história da ginástica no Amazonas

Ao analisar a fala desses profissionais em nosso trabalho percebemos a sua capacidade criativa por genialidade e perspicácia em perceber o momento propício para incrementar a ginástica introduzindo a temática Amazônia nas suas coreografias, desde então confirmando uma nova vertente da modalidade da Ginástica, a GPT e colocando a cultura do Amazonas em visibilidade nacional.

Procuramos descrever seus feitos, observando nas práticas de suas vivências profissionais as contribuições que dão vida a uma nova modalidade de Ginástica por entender que precisamos mostrar que a percepção deles quanto a mudanças ocorridas na ginástica.

Conforme o exposto, o trabalho executado por eles tomou nova dimensão e foi ao encontro da contemporaneidade, valorizando tanto o indivíduo em sua peculiaridade quanto ao coletivo, isto fez com que a ginástica para todos se caracterizasse por suas práticas corpóreas,

pois foi pensado a ginástica como uma atividade completa, que visse o homem em suas dimensões, contemplando a todos. Desta forma organizaram não somente a ginástica, mas o modo como ela era vista pela sociedade, portanto uma evolução.

Assim, a ginástica começa a ganhar novas possibilidades a partir da criação da Federação Amazonense de Ginástica (FAG), que surge em meio a uma conversa de amigos e profissionais que almejavam o crescimento dessa modalidade em nossa região, conforme podemos constatar nos relatos do professor Thalles Verçosa, em sua entrevista datada em 07 de abril de 2022, professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), foi eleito o primeiro presidente da FAG (Federação Amazonense de Ginástica), e após ser chamado para trabalhar no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde montou a sua primeira equipe, passou a ter contato com a ginástica.

*É preciso ter uma entidade que dirija, não pode ser só através de algumas pessoas, porque caso contrário não terá uma continuidade, propus pra Artemis a criação da Federação, ela marcou uma reunião na casa dela, e definimos eu como Presidente e a professora Tereza Torres como vice-presidente, o pessoal chamava ela de Teté Torres. Eu fui o primeiro presidente, e nós fizemos a federação em razão do trabalho da professora Artemis que na época era treinadora das equipes de GRD que representavam o Amazonas e também no Instituto de Educação no Amazonas (IEA), onde ela era professora, e eu era professor da escola Nossa Senhora Auxiliadora, e eu montei uma equipe lá, e para compor a equipe eu levei a professora Jeane Chavez para ser a nossa treinadora, e o nosso objetivo era ganhar medalha em todas as modalidades dos Jogos Escolares, claro que nós não conseguimos, porque tinham outras escolas com modalidades muito fortes, mas nós ganhamos muitas modalidades (Thalles Verçosa).*

Em 1972 o professor Afonso Nina, hoje professor da UFAM, era aluno do Colégio Militar e em suas recordações nos informou que um grupo de militares chegou em Manaus e eram instrutores de Educação Física, advindo da Escola de Educação Física do Exército - EsEFEx e possuíam a cultura da ginástica acrobática. Em sua entrevista no dia 22 de abril de 2022 nos conta como foi a sua participação nesse cargo de presidente da FAG, deixando claro que o papel de Secretário do Esporte foi mais benéfico devido os recursos financeiros para custeio de passagens para as ginastas competirem.

*Essa passagem foi muito rápida, eu não queria ser sub secretário e presidente da federação, eu achava incorreto, misturar coisa pública com coisa privada, mas a Antonieta me pediu e eu lembro que o Gesta me convidou para ser presidente da federação de atletismo e eu disse eu já estou na federação de ginástica e ele disse 'Não, pega os dois' e na verdade quem tocou o dia a dia da federação foi a Antonieta, agora o que eu fazia como secretário era mais fácil os grandes problemas na federação que eram as passagens aéreas, eu era a ponte para a passagem aérea, ai eu falava com o governador, com o Luis Costa, com o financiamento, eu lembro que aquela menina baixinha que foi convocada pela federação americana, sub 14, e ai a gente dava também o suporte para as equipes, então o material que se comprava, garantir que o espaço era fixo para as ginastas, no meu cargo era mais fácil fazer isso,*

*do que está disputando com os demais, agora de ação assim específica que eu fiz para a federação, eu não fiz nada que seja digno de nota, eu fiquei dois anos e depois a Antonieta assumiu. (Afonso Nina).*

Com a criação da federação esse campo de atuação começa a se tornar notório, afinal com um órgão competente para as tratativas direcionadas a esse setor, fez com que a ginástica crescesse tecnicamente e abrisse oportunidades para as ginastas locais, a exemplo as passagens para as competições fora do estado, assim também, a capacitação de profissionais qualificados para desempenhar melhor as suas funções.

*O crescimento se deu por meio dos cursos que as técnicas foram fazer fora e também das treinadoras de fora que eu trouxe para fazer o curso aqui, como a professora Deyse, e uma professora de São Paulo, tinha também uma do Paraná, então nós trouxemos. A professora Deyse Barros praticamente adotou a professora Artemis, ela foi para fora e conseguiu expandir o seu currículo nessa área. A professora Tereza Torres, a professora Lucicleia Cristina porque ela era arbitra das competições, pois eram poucos professores formados naquela época e o pouco que tinha exercia diversas funções na nossa área (Thalles Verçosa)”.*

Ao questionarmos sobre os impactos da criação da Federação o professor Thalles Verçosa ver a priori o desenvolvimento da ginástica escolar, assim evidenciando um bom campo de atuação pensando profissionalmente.

*Primeiro foi que as escolas começaram a desenvolver a modalidade como atividade da própria escola e isso oportunizou a chamada de profissionais para ocupar esses lugares no mercado de trabalho, abrindo um campo enorme para o trabalho na área, principalmente na GRD, e a Ginástica Olímpica veio a reboque, pegou a carona aí foi desenvolvido (Thalles Verçosa).*

É importante entender que essa mudança positiva contou a a participação de muitas pessoas que ajudaram a construir essa histórias e através dos relatos de nossos entrevistados podemos conhecer um pouco sobre seus feitos .

*Eu, Artemis e Teté Torres fundamos a Federação e assim a Ginástica deu uma subida, Assim a Federação foi desenvolvendo através das participações em Jogos Escolares. O segundo presidente Alberto Puga. O Ginásio foi construído pela professora Rosangela que conseguiu a verba com a Confederação Brasileira. professora Artemis e as próprias ex alunas dela se dedicaram, como a professora Alane Braga, a professora Jeane Chavez que hoje e professora na UEA e trabalha com Dança, ela fez um excelente trabalho no Auxiliadora e depois seguiu, a professora Lucicleia também lecionava no auxiliadora, eu formei um corpo de professores muito bom, pois o nosso objetivo era ganhar modalidade nos jogos para ganhar mais alunos para o colégio, e conseguimos, tinha época que ele nem abria matricula, devido ao movimento de bolsas para os atletas (Thalles Verçosa).*

No Instituto de Educação Física do Amazonas – IEA, também apresentava algumas possibilidades da prática de ginástica em seu ambiente escolar, cujo encargo estava com a professora Artemis Soares, que iniciou os treinamentos de uma equipe de ginastas e se utilizava também da ginástica de demonstração em eventos festivos e cívicos. A professora Jeane Abreu era uma dessas alunas que compunha essa equipe.

*Por volta do ano 1972 mais precisamente, eu fazia parte da equipe do Instituto de Educação do Amazonas, eu estava no meu segundo ano, atualmente é o ensino médio, eu já contava com 15 anos para 16 e a professora Artemis era a minha professora de Educação Física, assim algumas alunas da professora Artemis que já se destacavam, participavam do desfile de 7 de Setembro carregando letra da escola, faziam aquelas coisas apresentadas que ela conduzia e eu fazia parte desse grupo, onde tudo que ela chamava: desfilar no sete de setembro no grupo de baliza, levando letrinha na frente do nome, as coisas que ela criava na época”, (Jeane Abreu).*

Outra pessoa que deixou evidente sobre o uso da ginastica naquela época foi a

professora Hildecy Freire nesse contexto de festividades e datas cívicas.

*Em 1992-1994, na época eu trabalhava na Vila Olímpica sob a direção estava a cargo do Professor Afonso Celso Nina e eu e a Patrícia organizávamos a abertura dos jogos, teve um momento que a Idagi também foi convidada para trabalhar com algumas aberturas de jogos. Teve momentos que eu participei dessas aberturas com a Patricia e outras com a professora Idagi, seja na área burocrática ou na organização desse evento. Foram dois anos trabalhando com isso na Vila. Nós sempre nos baseamos nos eventos esportivos, já tínhamos esse acesso (Hildecy Freire).*

Assim também, evidenciamos que a ginástica era trabalhada de maneira coletiva, pensada para ser realizada por todos os alunos que estivessem participando desses tipos de eventos e que esses personagens em suas atuações profissionais, realizaram trabalhos com traços da GPT. Conforme exposto pelo professor Afonso Nina:

*Concomitante eu fui secretário da secretaria de esporte e presidente da federação de ginástica, eu tive a oportunidade de fazer essa ginástica de demonstração quando eu estive lá na subsecretaria do desporto, então entre 1991-1994 março à dezembro (Afonso Nina).*

Com o relato do professor Nina evidenciamos que a prática de ginástica de caráter demonstrativo já ocorria na nossa região, porém ainda sem essa caracterização, mas com os atributos que ela possui.

### 3.2 A ginástica praticada em Manaus em outras épocas

Por meio das entrevistas constatamos que a ginástica apresentou melhorias através da implantação de um federação voltada para os seus interesses, procuramos nas falas dos sujeitos de que forma eles trabalhavam esse conteúdo nos diversos lugares os quais estavam inseridos, escola (eventos internos e externos), clubes, instituições e etc. Mas anteriormente a esse fato a ginástica que tinha mais fomento era a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), atualmente com nomeclatura de Ginástica Rítmica (GR).

*A GRD era a modalidade mais praticada e a Ginástica Olímpica veio a reboque, apenas a escola militar e mais tarde o La Salle que tinha posse dos equipamentos adequados para essa modalidade. pois não tínhamos a Ginástica Olímpica, pois somente o Colégio Militar tinha os aparelhos para essa prática e depois o La Salle iniciou lá, onde as professoras formadas na Ufam foram ministrar tais modalidade (Thales Verçosa).*

Aliando a fala do professor Thales, o professor Nina nos informa como aconteciam essas aulas no colégio militar, enquanto aluno, porém, a ginástica que predominava era a acrobática, pois contou com a compra de equipamentos apropriados para tal prática.

*Então naquela época eles compraram os equipamentos que não precisava furar o chão da quadra, equipamentos míssil, acho que americanos, compraram argola, cama elástica, cavalos para salto, cavalos com alças, paralelas, com a intenção de fazer uma equipe de ginástica lá no colégio militar, eu me meti um pouco nisso, mas eu não fui muito distante, pois naquela época eu era muito pequeno e eles privilegiavam mais os meninos mais velhos, mais fortes de 12 para 13 anos, mas o sargento Aguiar que foi o responsável por organizar isso (Afonso Nina).*

Ele ainda nos conta sobre a colaboração de um ex-atleta que veio para o colégio militar para atuar nas aulas de ginástica:

*Em 1974/1975 veio um sujeito de fora, um civil, chamado Brito, era um cara jovem entre 21-22 anos, e depois eu perguntei da professora Valdeciria se ele era professor de Educação Física e ela me disse que não, que ele era um ex-atleta de ginástica que foi chamado, contratado pelo colégio militar pra*

*fazer e organizar a ginástica, dado que o sargento Aguiar não era um especialista em ginástica e apenas organizava a parte de ginástica demonstrativa e não tinha nenhuma formação nesse sentido, então esse camarada chamado Brito, ele ficou responsável por essa parte da ginástica do colégio militar, essas são as lembranças que eu tenho e fiz enquanto aluno. Eu sai do colégio militar no início do 2º ano do ensino médio e fui para a escola técnica e lá já existia um movimento de ginástica bem organizado, do professor Valverde e além então de desenvolver esses aspectos da ginástica voltada para a ginástica artística, cumprindo o código de pontuação, fazendo os elementos do tablado e tal, ele também incentivava essa parte de ginástica de demonstração e lá na ginástica de demonstração, não eram apenas alunos da escola técnica, eram sujeitos de outras escolas e até mesmo quem não estudava, alguns caras da capoeira que faziam essa parte de ginástica acrobática. (Afonso Nina)*

Nas memórias da professora Jeane Abreu também aluna, porém em uma instituição pública, o Instituto de Educação do Amazonas (IEA), ela praticava ginástica rítmica antiga GRD, e fazia parte da equipe dessa escola.

*Voltando as minhas memórias, por volta de 73 mais precisamente, eu era aluna do Instituto de Educação do Amazonas (IEA) no meu segundo ano, o atual ensino médio, eu tinha entre 15 ou 16 anos e a professora Artemis era a minha professora de Educação Física, nesse tempo ela foi fazer um curso no Rio de Janeiro com a professora Dayse Barros, as pessoas recrutadas para esse curso foram escolhidos pelo departamento de Esporte de cada Estado, seria convidado a criar uma equipe de ginástica nas suas escolhas para participar do primeiro JEBS com a ginástica, pois ainda não havia essa Ginástica Rítmica, nessa época se chamava Ginástica Rítmica Moderna e assim algumas alunas da professora Artemis que já se destacavam, participavam do desfile de 7 de Setembro carregando letra da escola, faziam aquelas coisas apresentadas que ela conduzia e eu fazia parte desse grupo, onde tudo que ela chamava: desfilar no sete de setembro no grupo de baliza, levando letrinha na frente do nome, as coisas que ela criava na época, ela chamava as alunas mais jeitosinhas. Quando ela volta do curso pelo ministério da Educação e do Desporto, ela vai chamar essas meninas para fazerem parte desse grupo que ia competir em 73, no JEBS em Brasília, sendo uma série de cordas, sendo que ninguém tinha iniciação em ginástica Rítmica e já fomos direto para aprender uma série e no ano seguinte a gente foi para Brasília com essa equipe pioneira de Ginástica Rítmica no Amazonas, competimos e penso que ficamos em 11º lugar por aí, mas percebemos nesse contexto que o grupo do estado do sudeste: Rio de Janeiro, São Paulo e tinha um equipe muito boa da Bahia que vai mais tarde rivalizar diretamente com a nossa equipe aqui do Amazonas (Jeane Abreu).*

Saindo um pouco desse contexto escolar, a Patrícia Vaz e Hildecy Freire faziam um trabalho na Vila Olímpica, o que nos faz pensar como as possibilidades desse conteúdo ser trabalhado em diferentes locais e com objetivos diferentes.

*“Eu e a Idagi já fazíamos esse tipo de trabalho na Vila Olímpica, onde trabalhei 31 anos com as coreografias na abertura do Jeas, fazendo desenhos, como por exemplo a Bandeira do Estado do Amazonas, usamos a música do Ayrton Sena, foi acontecendo uma coisa natural e a Idagi tinha muito contato com o pessoal da SEDUC, então nem sei dizer como foi acontecendo, cada vez mais foi tomando proporções maiores (Patrícia Vaz)” / Os alunos eram convidados na escola, de preferência a gente utilizava as escolas ao redor da Vila Olímpica ou no Sambódromo e no caso da semana da Pátria que era a maior quantidade de alunos a Secretaria providenciava o transporte de ida e volta, eles eram convidados e selecionados dentro da escola, a gente os recebiam na Vila Olímpica ou no Sambódromo. O meu último trabalho que eu participei na equipe foi o ano que nos conseguimos coreografar e sincronizar o desfile inteiro, porque sempre fazíamos um grupo que fazia a abertura, nesse último ano foram com todos os alunos do evento e depois do nosso grupo, a semana da pátria passou a ser organizada dentro da Secretaria de Educação da SEDUC, que antes era a Secretaria do Desporto, depois a comissão foi para dentro da SEDUC e daí surge outro trabalho da professora Graça Silva, a marcha sincronizada que já foi outro trabalho que se utilizou dos movimentos básicos da ginástica, afinal os alunos que a gente trabalhou eram da ginástica escolar (Hildecy Freire).*

Além de diferentes lugares, com diversos objetivos os profissionais utilizavam nas suas atuações, conforme as temáticas desenvolvidas e o eventos aos quais precisavam de um número expressivo de crianças, o que podemos notar é a parceria entre o Governo do Amazonas

e as escolas atuantes.

*Esse último ano foi o trabalho dos 500 anos da nossa Independência, mas a gente trabalhou vários temas, relacionado ao Meio Ambiente, Homenagem a Bandeira do Estado, não consigo lembrar muitos, nos jogos escolares começamos com 100 alunos e na semana da pátria foram mais de 2 mil crianças. Os alunos das escolas municipais vivenciaram bastante isso, pois teve uma época que as escolas privadas, federais e estaduais participavam e foi diminuindo até que ficou somente as escolas municipais (Hildecy Freire) / A partir daí culminou que o diretor da nossa escola foi secretário de estado e ele convidou para que nós fizéssemos um desfile no 7 de setembro, com a banda da polícia militar, utilizando os lençóis formando a bandeira do nosso Estado, do Brasil e o encontro das águas, fazendo isso em movimento. Eu saí da escola e a minha colega que permaneceu, foi convidada para muitos eventos, como abertura de jogos e sempre nessa linha de multidão. Então nós iniciamos esse trabalho em 87,88,89, 90 e 91 (Kathya Lopes) / E eu lembro que no encerramento de disciplina, eu creio que do Kemel, um aluno nosso Leonardo, fez uma apresentação junto a equipe dele muito bacana, eles fizeram a parte acrobática e depois uns alunos ficaram em cima de um cavalo abrindo uma camisa e ele veio e saltou do trampolim e vestiu a camisa no ar, entrando e fazendo o movimento adiante. A Ginástica acrobática para mim é atividade mais fácil de realizar na escola e com mais impacto na comunidade escolar, sem material, você trabalha um estrelinha, uma parada de mão, um aviãozinho, um salto, um giro ao redor do corpo, todos esses movimentos se forem de maneira sincrônica, aí você bota os adereços no cara, na testa no punho, chama atenção e atende um monte de menino que não tem habilidade com bola e chama a atenção da comunidade, bem organizado, como se fosse as Team líderes, que antigamente chamávamos de Macro ginástica (Afonso Nina)*

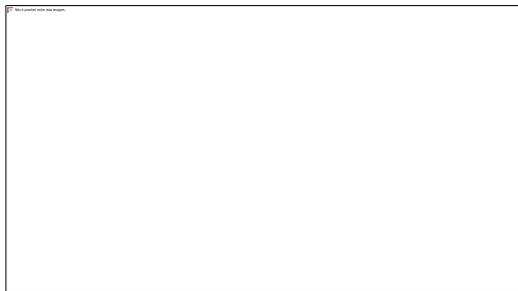
### 3.3 A Ginástica de Demonstração: marcas e legado

A ginástica é uma modalidade com características elitizadas, afinal, fazer a ginástica a nível profissional requer um certo custeio. Nessa perspectiva Oliveira (2007) aponta dois fatores para explicar essa visão: Quanto a competição, precisa atender certos padrões e apenas as ginastas com as melhores performances se sobressaem; nas academias, nem todos da população têm condições de arcar com esse gasto. Além disso na visão escolar, alguns professores deixam de trabalhar esse conteúdo alegando a falta de material, porém essa autora explica que assim como esses profissionais, a população confunde as finalidades da ginástica competitivas com a ginástica em si.

Talvez com pensamentos uma visão integradora, os profissionais que atuavam na Educação Física, com o conteúdo de ginástica tinham uma concepção da realidade social, precisando encontrar uma solução para essas diferenças criando novas estratégias que pudessem abarcar a todos. Pois nessa época o que existia era as ginásticas de grande área, a ginástica geral que somente em 2007 passou a ser classificada como GPT, mas através das narrativas dos nossos entrevistados percebemos que já era praticada em nossa região.

*Em 1972-1973 houve uma grande demonstração de ginástica coletiva, dessa ginástica de grandes eventos e alguns feitos acrobáticos, organizados por essa equipe de militares que existiam lá, então o pessoal mais velho, então chamado primeiro ano científico (primeiro ano do ensino médio), eles fizeram algumas demonstrações de atividades acrobáticas como saltar por cima de um fusca, saltavam sobre o trampolim, e depois saltaram por um aro de fogo, eu recordo que um colega nosso o que era atleta de natação, os irmãos Ramalhos, Ricardo e Horácio, um desses, eu acho que o Horácio era filho de um militar, Major Ramalho, moravam próximo da escola, eles fizeram essa demonstração de ginástica acrobática (Afonso Nina).*

**Figura 05. Salto por cima do fusca em 1973**



**Fonte:** Revista Vitória Régia

**Figura 06. Salto por dentro do aro com fogo em 1973**



**Fonte:** Revista Vitória Régia

*E nós que éramos os menores fizemos a parte das coreografias, todos ficaram com o uniforme de educação física e usamos um, eu acho que era um esparadrapo nos pulsos e uns bastões para fazermos a parte da ginástica coletiva que nós fizemos ali no campo do general Osório do colégio militar, então é a recordação mais antiga que eu tenho. Ainda no colégio militar em 73 quando foi inaugurado o ginásio de esporte do colégio militar, o ginásio Pedro Teixeira, o colégio militar então comprou um conjunto de equipamentos de ginástica, que inclusive o carneirinho foi doado a FFFF (Afonso Nina)”.*

Não apenas as acrobacias foram lembradas pelo o professor Nina, mas um dos elementos da ginástica para todos que é a construção de pirâmides (figuras humanas) e a disposição das figuras exercidas pelos participantes, como a pessoa que serve de base e precisa sustentar as que estão por cima (pivot).

*Um sujeito apelidado de O “Mug” sempre servia de base e algumas meninas, como a Ana, começamos a fazer figuras de duetos, como a parada de mão, sustentando, algumas largadas com saída, principalmente o “Mug” que era forte, operava com essa menina a Ana, e o Valverde também incentivava as figuras de pirâmides, as pirâmides famosas para fazer nos dias festivos da escola, aniversário da escola ou alguma coisa assim que nós fazíamos uma demonstração de ginástica, um pirâmide mais ou menos de três ou quatro andares com base e tal (16 anos mais ou menos), essas são as coisas mais marcantes que eu me recordo como estudante e executante (Afonso Nina).*

Com essas descrições percebemos que a ginastica de demonstração é usada principalmente em eventos festivos, ou seja, sem competição, a ginástica com fins em si, permitindo aos praticantes muitas possibilidades corporais, além de outros benefícios que cada um recebe conforme seus próprios interesses. Ao perguntarmos ao professor Nina como eram usadas as coreografias de ginásticas nesses momentos cívicos ele nos respondeu:

*O que eu me recordo é essas questões das pirâmides, fazer transposição por cima dos obstáculos, como saltar por cima de plinto, aro de fogo, passar no plinto de várias maneiras, como na transversal e longitudinal, fazendo um destaque e também, como eu te disse, essa demonstração da calistenia, pegava exercícios calistênicos, aquelas flexões, aquelas rotações utilizando os bastões e o que chamava a*

*atenção, era mais a questão da sincronia, eram exercícios simples, mas apostavam mais na sincronia. Esses é um resquício, lá dos grandes movimentos das escolas de ginásticas, uma ginástica coletiva, então essa seria a origem. Método natural austríaco. O professor Valdir incentivava essas partes de banda e música e que possivelmente tinha alguma coisa com baliza, uma coisa assim, mas eu não me recordo bem. Esse pessoal de ginástica eu me lembro, Emanuel, Nervina, Olivete, mas eles não faziam nada dessa ginastica de demonstração (Afonso Nina).*

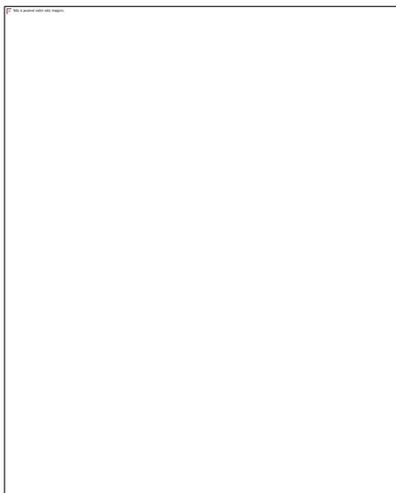
Neste aspecto a ginástica mencionada, possuía características encontradas na GPT, além disso, abaixo vamos acompanhar de que forma esses profissionais trabalhavam esse tipo de ginástica nos momentos cívicos e em outras festividades escolares.

No da professora Patrícia Vaz que nos conta um fato que faz parte das memórias do Estado do Amazonas quanto às homenagens cívicas, ela nos fala da importância dada pelo governo da época, com quem fez parceria recebendo grande apoio para suas apresentações.

*Nós trabalhamos seis anos em parceria com Governo do Estado fazendo a abertura do 5 de setembro, relato começou na época do Gilberto Mestrinho, se eu não me engano antes de 96, pois em 99 a gente fez uma homenagem aos 500 anos do Brasil, onde nós fizemos a trajetória dos símbolos que representavam os 500 anos, conforme podemos verificar nas imagens que eu enviei, uma delas foi a bandeira do Brasil outra um estandarte e outros pavilhões, outros pelotões com outras figuras. (Patrícia Vaz)*

Conforme (**Figura 07**), podemos visualizar esse evento ocorrido em 1999 e que a professora Patrícia Vaz deixou evidenciado em suas narrativas e nos fazem imaginar como ocorriam esses desfiles cívicos em Manaus.

**Figura 07. Desfile cívico em Manaus em 1999**



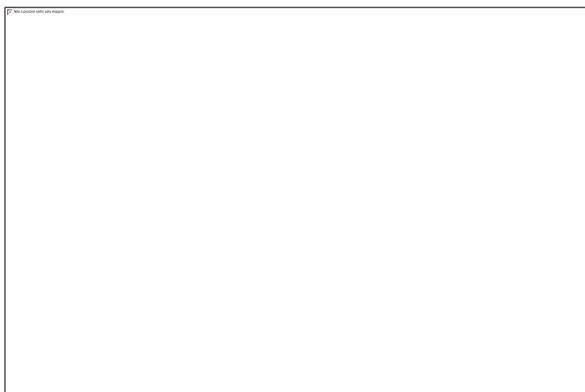
**Fonte:** Acervo Pessoal Patrícia Vaz

Desta maneira favoreceu a valorização dos participantes sem estereótipos como nas ginásticas competitivas, abrangendo a todos, que permite o uso de possíveis qualidades humanas exercidas na da GPT. Como a questão do patriotismo que em sua base tem a função de valorização e enaltecimento de determinado lugar, isto evidenciado nas coreografias dos desfiles cívicos.

*Na última apresentação que foram os 500 anos, nós primeiro pensávamos nas figuras que poderíamos realizar, no caso escolhemos a Bandeira do Brasil, a figura do Amazonas com alguns meninos vestidos*

*daquela roupa de jesuítas, a primeira bandeira que Portugal utilizou no Brasil e que poderiam ser realizados pelos alunos, em primeiro lugar definir a figura, os movimentos e depois encaixar com a música, os treinos de modo geral fazíamos por grupos e na última semana que fazíamos os ensaios gerais e a gente reunia o grupo inteiro, as escolas iam de escolas iam em grupos específicos e depois todas, pois não dava para ensinar os movimentos com o grupo todo, era necessário ir por partes e no final juntar todos, era bem trabalhoso, pois exige disciplina por partes dos alunos, em relação ao comportamento, porém no final eles ficavam inspiradíssimos no dia da apresentação, era muito emocionante (Hildecy Freire).*

**Figura 08. Formação da Bandeira do Brasil**



**Fonte:** Acervo Pessoal Patrícia Vaz

Contar a nossa história era um dos objetivos das coreografias desenvolvidas pelas professoras, esses eventos que aconteciam nos dias 5 e 7 de setembro e mobilizaram a comunidade manauara, que iam para prestigiar seus familiares ou amigos, não sendo de destaque somente para a população, mas também de grande importância para os meios de comunicação que cobriam a transmissão ou registravam por meio de fotos ou filmagens esse desfile cívico no estado do Amazonas.

Esse destaque é notório nas falas de alguns dos entrevistados logo abaixo que explanaram por meio de suas narrativas como ocorriam esses eventos, bem como os temas abordados, indumentária, elementos simbólicos e outros, pautados na cultura local e suas diversificadas contribuições advindas dos povos originários e que ajudam a construir nossa cultura.

Como mostra a **Figura 09**, a simbologia era parte integrante das composições coreográficas, para se contar sobre os 500 anos do Brasil, eles além de usarem figurinos com a primeira bandeira que Portugal utilizou no Brasil, através das figuras humanas (pirâmides), construíram com os próprios corpos essa bandeira. Assim os desfiles cívicos em parceria com o Estado do Amazonas aconteciam em Manaus e eram um grande espaço de demonstração de ginástica.

**Figura 09. Símbolo encontrado nas caravelas na época do Descobrimento do Brasil**



**Fonte:** Acervo Pessoal Patrícia Vaz

Percebemos que havia um interesse, segundo Vaz para agregar parcerias e via uma oportunidade o interesse do Governo do Estado naquele momento, para com os professores de Educação Física que já trabalhavam fazendo o treinamento em Ginástica com seus alunos, e devido aos espaços creditados pelo Governo puderam apresentar as performance da ginástica aproveitando a data cívica do mês de setembro onde a apresentação dos 500 anos do Descobrimento do Brasil foi crucial para que empolgasse a sociedade e caísse no gosto do Amazonense.

As temáticas utilizadas na GPT eram colocadas, pelo o que podemos observar nos depoimentos dos entrevistados, para acompanhar o calendário escolar e as datas comemorativas anuais. Segundo Kathya Lemos na data do Natal fica evidente que faziam atividades que já tinham um traço da GPT, mas que ainda não eram assimiladas como tal:

*Na noite de natal a estrela com a lanterna e teve um ano que fizemos com as crianças na quadra e as algumas crianças com painel na arquibancada, eu acho que em 89 ou 90. O que eu posso dizer é que sim, que a gente já fazia GPT lá atrás sem pensar nessa nomenclatura. (Kathya Lopes)*

Evidenciamos na afirmação da entrevista com a Professora Kathya Lopes quando ela diz que o seu fazer inicialmente quanto a GPT foi sem intenção, pois não elaborou nenhuma coreografia que precisasse da participação de todos.

*Na verdade, eu nunca usei isso como GPT, hoje eu penso que fiz isso, na época 87, 88 e 99 em uma escola particular, a nossa intenção era “Todas as crianças tinham que participar”. Sendo as formações mais utilizadas do que o próprio movimento em si, pois era difícil todos fazerem certo. A ideia era a participação de todos utilizando os movimentos, as contagens eram feitas por nós professores. Essa foi a nossa experiência que poderia chamar de GPT onde todos pudessem participar e não apenas os melhores, eram todos, com bastante movimentos e implementos ( Kathya Lopes).*

A experiência vivida relatada pela professora Kathya nos leva a imaginar que a GPT foi criada para satisfazer uma inquietação da professora, que era ver todos os alunos participando igualmente, sem exclusão dos menos habilidosos, mas proporcionando e permitindo a participação de todo o grupo.

*Essa foi a nossa primeira experiência e foi bem interessante pois todas as crianças das turmas participaram e nesse ano tivemos até inclusão, pois um aluno com deficiência física, devido a paralisia cerebral, ele andava com dificuldade e uma sugestão de um aluno foi “correr pra cima em vez de pra frente”, então eles conseguiram correr devagar e pra cima conforme o som da batida e a criança conseguiu participar e eu lembro que a mãe ao final veio falar com a gente, pois ela viu o seu filho ali, cada mãe conseguia enxergar o seu filho ali ( Kathya Lopes).*

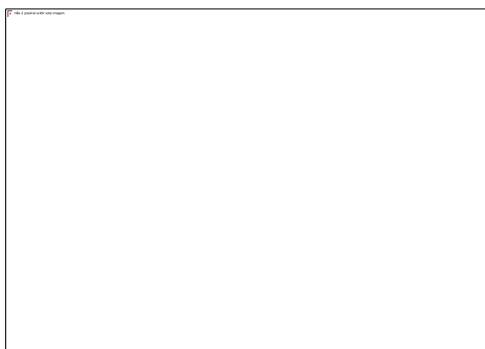
Desta forma entendemos que a GPT foi renunciada para ser uma atividade elaborada e desenvolvida inicialmente dentro de um fazer empírico, para realizar um desejo de ver todos executando movimentos que equalizassem a dificuldade da execução coletiva da modalidade, mas que futuramente como vimos a GPT alcançou os patamares da Ciência.

Ao entrevistarmos Patricia Vaz, confirmamos através dos seus relatos que o tempo dado à apresentação da ginástica dentro da homenagem cívica entusiasmou não somente os professores, mas sobretudo pais e alunos participantes que se fizeram presentes tornando-se um grande evento no Amazonas.

*Pensamos em uma ginástica com muitas crianças porque a nossa foi da Escola Francisco Botineli e a cada ano que a gente fazia aumentava o número de participantes, começamos com 500 crianças, depois 700 até chegar em 1.300 crianças. Nós tentávamos fazer os passos mais básicos possíveis, movimentos coordenados, movimentos que fossem parecer bem no total de crianças, do que ia aparecer naquele momento do visual do pelotão, e quanto a temática, geralmente a própria semana da pátria às vezes nos estimulava a utilizar. Tanto é que na primeira que a gente fez era bem movimentos de ginástica, bem marcados a roupa era confortável, movimentos abertos, fazendo apenas figuras geométricas e como tempo a gente foi evoluindo e fazendo umas coreografias, com movimentos ginásticos mais elaborados e com alegorias nas mãos, pois o público sempre foi positivo em relação a isso (Patrícia Vaz).*

A parceria do Governo do Amazonas aconteceu por que este visualizou na apresentação da Ginástica durante o desfile cívico como atrativo de chamamento das famílias das crianças e jovens que se apresentariam e da apreciação da sociedade fortalecendo a ideia do Governo incrementar inovando o desfile cívico.

**Figura 10. Figura Geométrica utilizada no desfile cívico**



**Fonte:** Acervo Pessoal Patrícia Vaz

Nessa imagem percebemos o uso das figuras geométricas utilizadas pelas professoras como uma estratégia de se trabalhar com muitos alunos, com movimentos simples e que eram possíveis a participação de todos de forma proveitosa, uma das características da GPT que não opta pela exclusão, mas a inclusão de todos os envolvidos dos grupos

Esta ação fez os alunos participarem cada vez mais desta atividade oferecida pela escola e que motivados, aumentaram o número de participantes adeptos a este evento anual. E nos relatos de Kathya Lopes constatamos que esta parceria aconteceu através da amizade como também por simpatia a esta modalidade esportiva por parte de representante do governo.

*A partir daí culminou que o diretor da nossa escola foi Secretário de Estado e ele convidou para que nós fizéssemos um desfile no 7 de setembro, com a banda da polícia militar, utilizando os lençóis*

*formando a bandeira do nosso Estado, do Brasil e o encontro das águas, fazendo isso em movimento. Eu saí da escola e a minha colega que permaneceu, foi convidada para muitos eventos, como abertura de jogos e sempre nessa linha de multidão. Então nós iniciamos esse trabalho em 87,88,99, 90 e 91 (Kathya Lopes)*

Na narrativa da entrevistada interpretamos ao utilizar os lençóis para representar a bandeira e o encontro das águas nos leva a crer que a criatividade da professora ao usar objetos do cotidiano que carregam um simbolismo por sua maleabilidade, sinuosidade e sugestividade de modelagem.

Neste sentido os lençóis, assim como as águas nos remetem à simbólica do nosso rico imaginário amazônico, e que esta atitude se configurou como modelo para se fazer as futuras apresentações, a verdade é que ela nos conta que mesmo que tenha mudado de lugar de trabalho, as outras professoras que ficaram continuaram incrementando as apresentações a partir desta iniciativa de uso de objetos que simulam a natureza.

A ideia inicial para a elaboração das coreografias foi baseada na abertura da Olimpíada foi um evento que a professora Kathya Lemos juntamente com uma colega, professora de dança, visualizaram a implementação da dança para compor a apresentação daquele evento, colocando movimentos e adereços que antes não se pensava usá-los neste tipo de evento, pois antes a abertura da Olimpíada tinha um caráter oficial, pois tinha o objetivo de apresentar as honras aos atletas participantes em suas modalidades, como forma de mérito por seu destaque em sua modalidade e desta maneira dar como aberta as competições.

Entendemos que a implementação de movimentos rítmicos nas apresentação das Olimpíadas impulsionou este evento para além da competição e vislumbrou uma nova interpretação para as organizações e as configurações das pessoas que se apresentavam nas abertura das olimpíadas, pois encontrou na dança a ousadia que precisava para se inovar a apresentação da abertura dos Jogos e desta maneira passou a ser uma regra as encenações serem ritmadas.

Outra professora a ser entrevistada foi a professora de Educação Física e fisioterapeuta Patrícia Machado ressalta a presença dos símbolos por seus significados e dos elementos da natureza por convivência com cultura indígena e a cultura do caboclo ribeirinho dando desta maneira a regionalidade para a GPT:

*Através dos símbolos existentes nos elementos da natureza seria possível homenagear, e fazer os símbolos do estado. Teve um que a gente falou sobre a floresta, não começamos na pista, a gente escolheu uma arquibancada que era bem de frente. Utilizamos a música do grupo musical “raízes caboclas”, fizemos adereços de material barato TNT, bambolê, papelão, tintas guache, construímos canoas, adereços, utensílios de barro, que pudessem representar as queimadas e os arcos desenhando a floresta. Realizando a coreografia ora na arquibancada e ora no chão, outra música eu acho que do*

*David Assayag, Lamento de Raça, a gente usou essa música para despertar o interesse pela nossa região, o cuidado, a preservação da natureza e dos animais chegamos a usar as músicas regionais (Patrícia Vaz)*

Neste momento da entrevista percebemos que os atores não pensaram somente em uma apresentação cívica, mas realmente inovaram o modo de se fazer a ginástica. E eles, como visionários idealizaram, sonhavam, buscando adequar as mudanças, a regionalização, explorando essa temática da preservação para que empolgasse principalmente os jovens participantes, para depois entrar no contexto da apresentação.

O uso dos elementos da natureza foi imprescindível para o sucesso deste trabalho, pois a identificação com estas representações simbólicas da natureza amazônica fez a composição coreográfica ser mais viva encontrando no participante o convencimento do que já estava em sua memória corporal histórica trazida de sua ancestralidade. E quanto aos movimentos:

*Estes não foram pensados como individuais, mas sim pela sua complexidade, pois para os movimentos que foram executados pensavam-se até na indumentária, para que fosse mais leve e confortável e fosse adequada tornando o movimento mais prazeroso e agradável de fazer e de se assistir (Patrícia Vaz).*

Ao longo da entrevista Patricia Vaz fala a respeito da importância da vestimenta dos participantes, pois acreditava que estes são um dos fatores que fazem o corpo ficar confortavelmente vestido.

*Tanto é que na primeira apresentação que a gente fez era bem mais movimentos de ginástica, tudo bem marcados, e quanto às roupas usadas eram confortáveis, fazíamos movimentos abertos, construindo apenas figuras geométricas e com o tempo a gente fomos evoluindo e fazendo coreografias com movimentos ginásticos elaborados para as alegorias com uso das mãos, pois o público sempre foi positivo em relação a isso (Patrícia Vaz).*

Para Vaz o uso dos adereços nas mãos valorizou ainda mais os movimentos dos braços e deram mais evidência não somente no movimento, mas na maneira que o movimento passou a prender mais a atenção do público.

A coreografia com as mãos passou a ser um atrativo e uma marca nas apresentações das aberturas das Olimpíadas. E que percebemos na fala dos entrevistados o quanto cada detalhe foi importante para o sucesso deste evento e colocar o Amazonas com suas características em destaque nacional.

Ao falar sobre a coreografia trazemos a narrativa da professora Kathya Lopes quando por suas memórias nos relata como construíam e tematizavam as apresentações coreográficas.

*As coreografias eram formuladas utilizando a composição do corpo humano, eram a princípio essas figuras: chapéu no dia dos pais, a flor e do coração no dia das mães, uma árvore de natal, com os bambolês e as fitas e teve uma parte que era com papéis celofanes com as cores azul claro e escuro que formava uma onda. nós usamos muito as figuras geométricas, triângulo, círculo, quadrado, a gente até brincava como rapaz, que na época cuidava da música (Kathya Lopes).*

Esses profissionais trabalhavam as coreografias de forma simples, pois com um grande número de participantes demandava objetividade, mas nem por isso o produto final não deixava de apresentar qualidade e plasticidade, o que enriqueciam os eventos realizados. Assim como na GPT, que buscar oportunizar a participação de todos, assim, os entrevistados demonstraram trabalhar.

*Na época a gente não tinha essa facilidade para tirar foto, estou tentando colocar essa fita no pen drive ou DVD, a fita dos 500 anos que foi a evolução. Até falamos da Zona Franca, na qual usamos na roupa CDs, o uso da tecnologia desde Portugal até a nossa atualidade. Sempre utilizávamos movimento da ginástica movimentos de abrir e fechar os braços, elevações, agachar, subir, levantar, movimentos que apareciam (Patrícia Vaz). / Foram essas figuras, chapéu no Dia dos Pais, a Flor e do Coração no dia das mães, uma de Natal com os bambolês e as fitas e teve uma parte que era com papeis celofanes com as cores azul claro e escuro que formava uma onda. Nós usamos muito as figuras geométricas, triângulo, círculo, quadrado, a gente até brincava como rapaz que na época cuidava da música “arruma aí uma música de quadrado de triangulo”. Na noite de Natal a estrela com a lanterna e teve um ano que fizemos com as crianças na quadra e as algumas crianças com painel na arquibancada, eu acho que em 89 ou 90 (Kathya Lopes.)*

A professora Kathya ao nos falar da formulação em sua fala nos confirma o créditos dados estes desbravadores a GPT, pois a composição das figuras eram de temáticas variadas no entanto a formulação da composição na disposição dos corpos estimulou a criatividade artística:

*Teve um ano que utilizamos os movimentos de ginástica, nos jogos olímpicos, corrida, ginástica, as modalidades, fizemos uma com 36 pessoas, uma entrada com corrida como se fosse uma maratona, depois tinha a partida que era do atletismo, tinha o dardo, o arremesso do peso e depois saímos com o basquete, o vôlei natação e a ginástica, todos eles fazendo os movimentos demonstrando essas modalidades e no final escreviam o nome da escola “CIEC”. Essa foi a nossa experiência de trabalhar com a multidão, a ideia de que todas as crianças participassem da atividade. (Kathya Lopes).*

Em uma composição da GPT deve-se levar em conta fatores para além da estética, como, por exemplo, atender aos anseios dos praticantes, não esquecendo suas individualidades, visto que a ginástica para todos tem um forte papel de inclusão (SILVA; ZYLBERBERG, 2016, p. 54).

O fato de tornar cada participação importante é dar vez e voz a cada integrante, bem como tornar o feito deles memorável. Isso ficou exposto na narrativa da professora Hildecy Freire.

*Eu me recordo que uma vez fui fazer uma entrevista no centro de mídias com uma pedagoga e ela disse que me conhecia do painel humano, pra mim é até emocionante falar, ela disse que escolheu ser pedagoga devido o nosso trabalho, na época ela era adolescente com uns 13 ou 14 anos de idade, para eles era uma atividade muito importante na vida deles, afinal os meninos de escola pública de modo geral, não tem esse momento que se sintam em evidência ou valorizados, naquele momento específico para eles era fantástico (Hildecy Freire).*

Esse fator de importância de fazer parte de um grupo, ser integrante fundamental nos processos de elaboração da coreografia de ter a sua fala ou ideia aceita ou melhorada torna-se de suma importância para o ator em evidência. E essa parceria não era apenas entre os

participantes, mas também das profissionais que estavam à frente dos eventos, assim como relatado pela professora Hildecy Freire:

*Entre 1992 a 1994 na época eu trabalhava na Vila Olímpica sob a direção estava a cargo do Professor Afonso Celso Nina e eu e a Patrícia organizamos a abertura dos jogos, teve um momento que a Idagi também foi convidada para trabalhar com algumas aberturas de jogos. Teve momentos que eu participei dessas aberturas com a Patricia e outras com a professora Idagi, seja na área burocrática ou na organização deste evento. Foram dois anos trabalhando com isso na Vila . Teve uma coreografia que eu e a Patricia utilizamos a música do Ayrton Sena, utilizamos os arcos e bolas, na qual a gente homenageou ele, foi bem emocionante, sendo um trabalho com movimentos básicos, de braços, caminhar, correr, saltitar para frente e para trás e formávamos figuras geométricas porque o trabalho era feito com alunos das escolas públicas, então a gente utilizava o repertório que era possível, não dava para exigir por exemplo movimentos de danças especializados ou de ginástica muito especializados, então eram movimentos que eles podiam realizar, mas que ao mesmo tempo eles poderiam passar uma imagem estética para aquela apresentação, conseguíamos fazer mesmo com a simplicidade naquele momento e proporciona esse visual estético de beleza, de organização, de criatividade, do movimento era possível transmitir a mensagem e com a Idagi a gente trabalhou além do treinamento das crianças, a confecção dos materiais, utilizamos arco, bola, fita, fizemos pompons prateados (Hildecy Freire).*

Através das falas é certo que parcerias eram necessárias entre os profissionais que estavam à frente desses eventos como é o caso das professoras Hildecy, Idage e Patrícia, o trabalho delas era possível devido a dedicação e organização dos papéis que cada uma delas desenvolviam.

**Figura 11. No evento da Semana da Pátria (Hildecy Freire, Hidage Abraham e Patrícia Vaz)**



**Fonte:** Acervo Pessoal Patrícia Vaz

Outro feito que precisamos ressaltar é a implementação do uso das cores dos uniformes das equipes, as bandeiras, os adereços, dando liberdade de expressão para os participantes, estes elementos que iam para além da uniformização dos participantes por trazerem a alegria, o movimento e dando vivacidade ao evento.

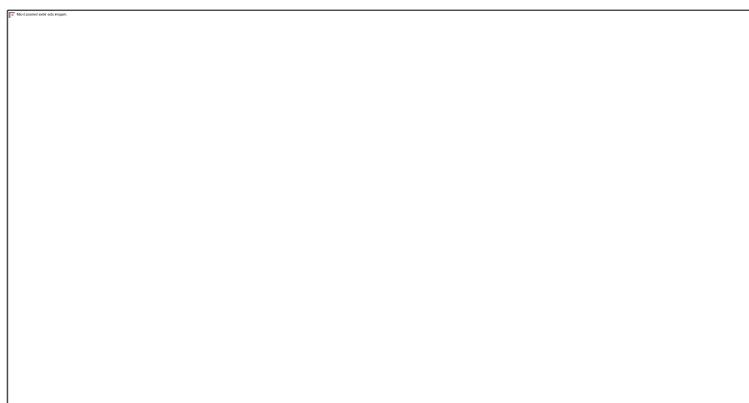
Este feito nos incentivou às práticas que são utilizadas atualmente e nos deram mais opções de temáticas para as apresentações coreográficas, e com isso mais liberdade nos movimentos. Isto só foi possível por que o imaginário amazônico trouxe o regionalismo com seus mitos, lendas, personagens, e pela natureza exuberante nos propiciando a liberdade criativa

devido ao espaço cultural e suas diversas interpretações. A professora Patrícia Vaz corrobora com a narrativa da professora Kathya Lopes quando ambas vivenciaram em seu trabalho a temática do ritmo amazônico de toada.

*Realizando a coreografia ora na arquibancada e ora no chão, outra música eu acho que do David Assayag, Lamento de Raça, a gente usou essa música para despertar o interesse pela nossa região, o cuidado, chegamos a usar as músicas regionais. E a do Ayrton Senna era para falar sobre vitória, vencer os obstáculos. A gente sempre teve interesse para fazer esse tipo de trabalho, primeiro as figuras geométricas, os símbolos, os triângulos, as diferenças das cores, as cores do estado azul, vermelho e branco. (Patrícia Vaz).*

A ginástica com a temática regionalizada apropria-se da consciência coletiva e despertava o interesse pelas nossas riquezas amazônicas, como o caso da floresta que é notória a sua importância para o mundo, com a utilização da música Lamento de Raça, traz uma mensagem dos danos causados a nossa floresta e as consequências sofridas por todos, pessoas, fauna e flora.

**Figura 12. Painel humano**



**Fonte:** Acervo Pessoal Patrícia Vaz

Esta imagem demonstra a criatividade da professora ao explorar outro espaço, e imaginar previamente como ficaria a composição da palavra floresta que fora disposta na arquibancada, surpreendendo as pessoas dando um brilho e incrementando a apresentação num formato de espetáculo. Sobre os movimentos Patricia Vaz no diz:

*Sempre utilizamos movimentos da ginástica, movimentos de abrir e fechar os braços, elevações, agachar, subir, levantar, movimentos que podem aparecer (Patrícia Vaz).*

Segundo Vaz a estratégia para a construção dos movimentos era motivada para que eles aparecem e teriam de ser demonstrados ressaltando o volume que o corpo em suas dimensões pudessem executar, exigindo o limite da envergadura corpórea de cada indivíduo que somados resultaram em uma abrangência maior do espaço conseguindo assim o volume desejado para aquela apresentação.

E ainda falando de motivação, o trabalho com um número expressivo de participantes

motivou as professoras para transformar as coreografias em verdadeiros espetáculos utilizando o agrupamento de pessoas dando volume e forma nessas coreografias com formação de figuras fossem flores, figuras geométricas tornando a apresentação espetacular e deixando sempre uma expectativa para os participantes e o público, como a surpresa de um momento impactante.

Além dessas datas comemorativas no sambódromo, paralelamente a isso temos os registros das falas da professora Jeane Abreu, que trata sobre o uso da ginástica geral no ambiente escolar e em jogos. Ela se recorda de um momento estudantil do qual ela gostava de estar envolvida com a ginástica geral, pois isso lhe permitia participar de vários eventos organizados dentro e fora da escola:

*Eu já fazia esse tipo de trabalho no IEA com a ginástica geral, porque quando você trabalha com esse tipo de ginástica, tudo que era evento me chamavam, então fiz muitas aberturas de festividade me chamavam, de festa junina, jogos, tudo era com a professora Jeane, fazia coreografia de todas as turmas, pelo fato de ter sido Bailarina, mesmo quando eu era apenas de ginástica. (Jeane Abreu).*

A sua atuação foi bem marcante como técnica em GRD, porém ela não era muito “fã” da competição, ela se encantava pela iniciação, isto é, a base do trabalho gímico. E estando a frente do trabalho em ginástica no Colégio La Salle, ela ajudou a organizar uma abertura de jogos que evidenciou o seu trabalho com a ginástica de grande área:

*Participava com a turma do La Salle na Lassaliada, nas aberturas de jogos, com os alunos que também não faziam parte da escolinha. Geralmente as temáticas eram escolhidas pela escola, que por sua vez era tema cristão, além disso também contávamos com uma equipe de ginástica artística que era comandado pela professora Nervina Souza e a partir disso a gente reunião e via o que cabia a ela e a mim, trazendo essa turma para fazer parte dessas apresentações, então ela pensava sempre em conjunto e vocês sabem que a ginástica geral são movimentos simples, então a gente avaliava e partia do movimento mais simples e via até onde aquele grupo de alunos poderia chegar, se apresentavam dificuldade em movimentos mais complexos a gente tirava e passava a turma que já tinha uma experiência corporal maior (Jeane Abreu).*

Nas narrativas da professora Jeane Abreu conseguimos perceber o uso da Ginástica Geral como proposta de participação em massa, prática que mobilizava a todos que estão envolvidos com esse processo do ensino da ginástica no âmbito escolar.

Além de ter a sua contribuição e atuação direta ou indireta, executando os movimentos com objetivos pessoais, como o cuidado com a saúde ou pensando no bem do coletivo, seja na responsabilidade de passar uma mensagem e até mesmo transmitir a sua cultura local a outros, faz da GPT uma atividade de muitas possibilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias da ginástica em Manaus estão sempre vinculadas às datas históricas importantes para nosso Estado, mas principalmente por estarem em consonância a nossa cultura quando foram fundamentadas em nossas lendas, mitos e ritos Amazônicos.

O trabalho desenvolvido pelos personagens que aqui nos contaram sobre as suas trajetórias, que se utilizavam de uma Educação Física plural, já desenvolviam através da Ginástica Geral os atributos ideias para o que hoje conhecemos como GPT, através das temáticas utilizadas, voltadas para a cultura local, a exemplo a conexão entre o ambiente, os movimentos e as expressões corporais extraídas das histórias contadas nas lendas.

Utilizavam-se dos personagens presentes nesse contexto que trouxeram além da sua alegoria, os valores de suas atitudes e destacando o papel que desempenharam no decorrer da história que foram relevantes na história de Manaus e do Amazonas, e estes foram acrescentados como protagonistas e representados através das coreografias. Alunos de qualquer idade participavam interpretando estes personagens.

As temáticas das lendas com sua moral da história davam o contexto, e ficavam como pano de fundo da apresentação. A exemplo temos a comemoração da data de 5 de setembro, data considerada a maior do nosso Estado do Amazonas, por ser a data que representa a nossa cidade ser elevada à categoria de Província, quer dizer ser independente do Grão-Pará, considerada a capital naquele momento na história.

Então, para comemorar com desfiles e grande festa esta data precisaríamos de um herói para nos representar, e o indígena Ajuricaba foi personificado na abertura das comemorações cívicas com uma coreografias envolvendo grande número de participantes. Essas coreografias contavam o fato histórico com a temática escolhida por uma Comissão Estadual própria.

A decisão de trazer estas temáticas resultou em um impacto positivo, pois era a coisa certa, no momento propício, afinal, usar a data cívica como uma ferramenta de informação e divulgação da cultura local através do desfile. Se interpretar os personagens da nossa história com movimentos gímnicos repercutia no público, reviver nossas lendas impactava muito mais. A participação da plateia era contagiante.

Trazer para o desfile nossas histórias, nossas lendas através de personagens míticos contagiava a plateia e sobretudo, comunicava uma informação histórica a todos que assistiam. E tudo através de movimentos coreografados com sabedoria e comprometimento com nossa história. Esses movimentos não eram outra coisa senão a ginástica praticada por todos. É, portanto, uma das origens da GPT que se confirma em nosso Estado.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Paulo Roveri de. Grupo Ginástico Unesp: contribuições da "Ginástica para Todos" na formação de seus participantes, 2014, 50 f. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Rio Claro, 2015.

ANDRADE, Welison Alan Gonçalves; MACIAS, Céres Cemírames de Carvalho. Ginástica para todos: estado da arte dos artigos publicados em periódicos brasileiros no período de 1980 a 2018., v. 18, n. 1, p. 35-40, 2020.

ALBERTI, Narrativas pregnantes como jogos de linguagem: possibilidades da história oral da teoria da linguagem de Wittgenstein. v. 11, n.1-2, 2011

ALENCAR, Joelma Cristina Parente Monteiro; BUITRAGO, Edwin Alexander Canon. Corpo e cultura: corpos, culturas e questões indígenas. Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE ; 7 organizadores Maria Cecília de Paula Silva, Pedro Athayde, Larissa Lara. – Natal, RN : EDUFRN, p. 31-47, 2020.

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas, SP: Unicamp, 2003

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciencias sociais. Revista eletrônica dos Pós- Graduandos em Sociologia Política da UFS. v.2, n.1, p.68-80, 2005

CARBINATTO, Michele Viviene. Eventos internacionais de ginástica para todos. In: **Anais do VIII Fórum Internacional de Ginástica para Todos/** Laurita Marconi Schiavon et al. Organizadores - Campinas, SP: FEF/UNICAMP: SESC, 2016.

CARBINATTO, M. et al. Paradigms shift in sport sciences: Body's focus. *International Journal of Social, Behavioral, Educational, Economic, Business and Industrial Engineering*, v. 5, n. 8, p. 1049-53, 2011.

CARBINATTO, M; MOREIRA, W.W. Corpo e saúde: a religação dos saberes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 27, n. 3, 2006.

CABO VERDE; Evandro Jorge Souza Ribeiro; NASCIMENTO, Ayla Tainã da Silva. Concepções de um grupo de gpt no Amazonas. *In* CORRÊA, L. da S., CABO VERDE, E. J. S. R (orgs) *PRODAGIN: história e produções acadêmicas*. Curitiba-PR: Editora Bagai. p.127-142, 2021.

CONFIDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. História. Disponível em: <<https://www.cbginastica.com.br/historia>>. Acesso em: 31 jun. 2022.

CORAT, Larissa; ALMEIDA, Marco. Análise da concepção de corpo na Ginástica Rítmica: um estudo dos manuais de 1932 a 1958. *Record*, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun. 2012.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da Cultura Indígena da Amazônia: Lendas e histórias**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003

CORRÊA, Lionela da Silva; NUNES, Leila Márcia de Azevedo; SOARES, Artemis de Araújo. Ginástica rítmica no Amazonas: memórias de alguns atores desse processo histórico. In: SOARES, Artemis de Araújo. **Sociedade, cultura, educação e extensões na Amazônia**. Manaus: Edua, 2020, pp. 47-64.

CRUZ, Jocilene Gomes da. **Abordagem Sociológica sobre os Tikuna no contexto contemporâneo** / Jocilene Gomes da Cruz. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Secretaria do estado de Cultura: CCPA, 2007.

CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

DOMINGUES, Laís Santos; Domingues, Laís Santos. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 25, n. 1, p. 171-186, jan./ abr., 2021.

EHRENBERG, M.; E MIRANDA, R. Cia Alfa de ginástica geral: para além da extensão universitária. *In*: MIRANDA, R. C.; EHRENBERG, M. C.; BRATIFISCHE, S. A. (orgs.) *Temas emergentes em Ginástica Todos*. Várzea Paulista: Fontoura. p. 49-76, 2016.

FAULHABER, Priscila: *Leitura Interpretativa sobre Relações Céu -Terra entre os Índios Tikuna* Revista *Anthropológica*. v. 21, n28, p.73-104, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral, comemorações e ética. Projeto História: Revista do Programa de Pos-Graduandos de história*. V.15, São Paulo, 2012.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). *Gymnastics for all: Manual 2019 edition*. 2019. Disponível em: <[https://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en\\_Gymnastics%20for%20All%20Manual,%20Edition%202019.pdf](https://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en_Gymnastics%20for%20All%20Manual,%20Edition%202019.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2022.

FIGUEIREDO, Sara Maria Teles de; FELINTO, Thiago Tavares; MOURA, Marla Maria Moraes. *A Ginástica no contexto escolar: da evolução histórica à prática atual*. **III Congresso Nacional de Educação Física, atividade física, educação e saúde**, Campina Grande-PB, 2012. Disponível em: <[http://editorarealize.com.br/revistas/conaef/trabalhos/Comunicacao\\_55.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/conaef/trabalhos/Comunicacao_55.pdf) 2014>. Acesso em: 13 out. 2022.

FORTES, Isabel; WINOGRADA, Monan; PERELSON, Simone. *Algumas reflexões sobre o corpo no cenário psicanalítico atual*. *Revista Psicologia USP*. v.29, n. 2. p. 277-284.

FREIRE, Ribamar Bessa. *A representação da escola em um mito indígena*. Rio de Janeiro. 2003.

GRANDI, Bruno. 130 years of FIG: letter from fig president prof. Bruno Grandi. **Science Of Gymnastics Journal**, v. 3, n. 3, p. 3, 2011.

GRANER, Larissa; PAOLIELLO, Elizabeth; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; Motrivivência, (Florianópolis), v. 32, n. 61, p. 01-17, janeiro/março, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e62007> PAOLIELLO, Elizabeth. Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Trad. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1926, Rio de Janeiro, 2008.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir**: corporeidade e educação. Papirus, Campinas, SP, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

LAPLATINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução Marie Agnés Chauvel. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. Cultura: uni conceito antropológico. 14 ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte. UFMG, 1999.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Editora Papirus, Campinas /São Paulo, 2003.

LOPES, Priscila et al. Aspectos socializadores evidenciados por praticantes de ginástica para todos em processo de envelhecimento. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 24, n. 2, p. 83-97, mai./ ago., 2020 ISSN 1517-6096 – ISSN e 2178-5945

MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade/The body: a commodity in post-modernity / Cuerpo: una mercancía em la post modernidad. Psicologia em Revista,

v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.

MARTINI, C. Atividades rítmico-culturais In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Pró-reitoria de Ensino de Graduação. Centro de Educação a Distância. Guia de referência para produção de material didático em educação a distância. Organizado por Zeina Rebouças Corrêa Thomé. Manaus: EDUA, 2007.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Cosac Naify, São Paulo, 2003.

MENEGALDO, Fernanda Raffi.; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **Ginástica para todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso?** Conexões, Campinas, SP, v. 18, p. e020014, 2020. DOI: 10.20396/conex.v18i0.8659110.

\_\_\_\_\_. **Ginástica para todos: primeiras reflexões sobre uma prática coletiva. Revista da Alesde**, v. 2, p. 300-312, 2019.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NASCIMENTO, Aldenize Pinto de Melo. O mito e sua importância na formação da cultura amazônica: "estudo dos mitos amazônicos numa aproximação com os mitos gregos". Os mitos na práxis educacional da cidade de Manaus. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Amazonas, Mestrado em Educação, 2007

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma fenomenologia do corpo**. Editora Livraria da Física, São Paulo, 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidades: inspirações merleau-pontianas**. Editora Natal : IFRN, 2016.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. Ginástica para todos: perspectivas no contexto do lazer. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v.6, n.1, p.27-35, 2007.

OLIVEIRA, M. S.; NUNOMURA, M. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da

UNICAMP, v. 10, n. especial, p. 80-97, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paz . **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Editora Cejup. Belém, 1995.

PARLEBAS, Parlebas. *Léxico de Praxiologia Motriz: juegos, deporte y sociedad*. Barcelona, Editorial Paidotribo, 2001.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; DE TOLEDO, Eliana. Institucionalização da ginástica para todos no Brasil:: três décadas de desafios e conquistas (1988-2018). **Pensar a prática**, v. 23, 2020.

PEIRANO, Matiza. **Rituais ontem e hoje**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente?** Projeto História, São Paulo, n. 14, p.25-39, fev.1997.

QUITZAU, E.A. Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. *Revista Brasileira de Ciências e do Esporte*, v. 37, n. 2, p. 111-118, 2015.

RIBEIRO, Odenei de Souza. *Tradição e Modernidade no pensamento de Leandro Tocantins: ensaio de antropologia*. Editora Valer/Fapeam, Manaus 2015.

RODRIGUES, A. L. C. **O domínio cultura amazônica à luz da organização e representação da informação**. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2011.

RULI, Ângela Maria Minharro. **Lendas Amazônicas** – Obras do Pará. Biblioteca Pública do Pará. s/d

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, José Carlos. **Ginástica Para Todos**: Elaboração de Coreografias e Organização de Festivais. 2 ed. Curitiba: Fontoura, 2009.

SOARES, Artemis de Araújo. O corpo do índio amazônico: estudo centrado no ritual Worecu do povo Tikuna. Tese (Doutorado). Porto, FCDEF – Universidade do Porto, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia. **Notas sobre a educação no corpo Educar**, Curitiba, n. 16, p. 43-60. 2000. Editora da UFPR. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SILVA, Helen Maria Rodrigues da et al. O processo de esportivização das práticas ginásticas: particularidades da Ginástica para todos. **Acciónmotriz**, n. 26, p. 52-63, 2021.

SILVA, Tailan Ewerk Dantas da; ZYLBERBERG, Tatiana Passos. Possibilidades de inserção da cultura popular da região norte do Brasil em coreografias de ginástica para todos. **Revista Conexões**. v. 14, n.4, p.47-75, out/dez, 2016.

SILVA, José Paulo da. et al. A ginástica geral nas séries finais do ensino fundamental no município de Macaparana-PE: um diagnóstico. In: **Anais do VII Fórum Internacional de Ginástica Geral**/ Marco Antonio Coelho Bortoleto et al. organizadores - Campinas, SP: UNICAMP/FEF: SESC, 2014.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da Educação Física, Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, São Paulo, 1997.

TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviane Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA, Myrian (org.) Fundamentos das ginásticas. 2a ed. Várzea Paulista: Fontoura, p. 21-48, 2016

STRAUSS, Claude Lévi. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

## **ANEXOS**

### **Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)**

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the central portion of the page. It is intended for the content of the 'Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)'. There is a small, faint icon in the top-left corner of the box.









## **APÊNDICE**

### Questionário

#### **ENTREVISTA COM THALES VERÇOSA**

1. Quais foram as forças que convergiram para a criação da Federação Amazonense de Ginástica (FAG)?
2. Quais professores/personalidades/figuras colaboraram com essa criação?
3. Qual é a sua opinião sobre o impacto da criação da Federação?
4. O senhor confirma que a ginástica cresceu tecnicamente com a federação?
5. Quais foram as modalidades de ginástica que se fizeram notar de imediato, Ginástica Artística e Ginástica Rítmica?
6. Quem são as pessoas/títulos? O que representou para a Juventude e para Manaus?

#### **ENTREVISTA COM AFONSO NINA**

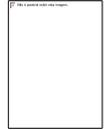
1. Na sua condição de aluno quais as ginásticas encontradas no âmbito escolar?
2. Quais eram as práticas / coreografias de ginásticas usadas nesses momentos cívicos?
3. Como ocorreu a sua participação junto a Federação Amazonense de Ginástica (FAG)?
4. Existiam práticas gímnicas com essa temática de “Para Todos” no âmbito acadêmico superior?

**ENTREVISTA COM AS DEMAIS PARTICIPANTES  
QUESTIONÁRIO**

1. COMO INICIOU A SUA TRAJETORIA NA GINÁSTICA?
2. ONDE INICIOU ESSE TRABALHO, FOI ATRAVÉS DO INCENTIVO DO GOVERNO DO ESTADO OU INICIOU EM UMA ESCOLA E DEPOIS SE ESPANDIU PARA OUTRAS?
3. QUAL ERA O TIPO DE MATERIAL QUE VOCÊS UTILIZAVAM?
4. COMO ERA ESCOLHIDO O TEMA?
5. QUAL A SUA RELAÇÃO COM A GINÁSTICA?
6. VOCÊ TINHA ESSA CONCEPÇÃO DE QUE ESSES MOVIMENTOS ERA DA GINÁSTICA GERAL, DA EDUCAÇÃO FÍSICA OU DO MOVIMENTO CORPORAL?
7. QUAIS OS PRINCIPAIS EVENTOS QUE VOCÊ TRABALHOU COM ESSE TIPO DE GINÁSTICA?
8. DE QUE FORMA OCORRIAM OS ENSAIOS?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA



**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Convidamos você para participar do Projeto de **Pesquisa “INDÍCIOS DA PRÁTICA DE GINÁSTICA PARA TODOS (GPT): relatos de profissionais atuantes em manaus a partir de 1970”**, que será realizado por meio da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, sendo cuja responsabilidade será da pesquisadora Meriane Teixeira de Matos, mestranda do nosso programa e orientada pela Profa. Dra. Artemis de Araújo Soares, a localização do PPSCA é na Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 1200 – Coroado I – Setor Norte – Cep: 69.067-005 – Manaus – Amazonas – Fone: (92) 3305-4581, (092) 99110-6853 (celular do pesquisadora Meriane Matos) - email merianematos11@gmail.com, (092) 98171-4448 (celular da orientadora Artemis Soares) e-mail: artemissoares@gmail.com. O **objetivo geral**: desvelar do histórico da ginástica para todos em Manaus, por meio das memórias e traços históricos dos profissionais que atuaram no âmbito da ginástica em Manaus, antes mesmo de ter a sua consolidação e nomenclatura estabelecida, utilizando a cultura Amazônia como pano de fundo em suas coreografias. E **objetivos específicos**: - Traçar a ginástica em Manaus com foco na cultura amazônica por meio da GPT; - Entender a representação dos mitos e ritos amazônicos na GPT e a sua incorporação nas coreografias de GPT; - Conhecer através dos relatos os personagens que ajudaram a construir a história da ginástica em nossa região por meio de entrevistas.

A sua participação é voluntária e se dará por meio da entrevista. Essa entrevista será gravada e posteriormente transcritas e analisada.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, dessa forma os riscos da pesquisa são: psicológicos, como por exemplo ansiedade, cujos sintomas podem ser: Aumento do suor, Mãos e pés frios ou suados, boca seca, entre outros. Portanto será prestada a devida assistência psicológica/médica, tendo como psicóloga: Hellen Oliveira, CRP: 20/07074, Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental, fone: (92) 98175-9030, o participante terá direito a assistência integral gratuita pelos possíveis danos causados. No entanto os pesquisadores farão o possível para deixar os participantes a vontade para responder a entrevista, dando tempo suficiente para que o mesmo possam terminar e dar segurança necessária para evitar riscos, estará à disposição para realizar o atendimento necessário.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181/ramal: 2004, celular 9171-2496, email: cep@ufam.edu.br

E, em caso de danos materiais causados pela pesquisa ao participante da pesquisa o

participante será indenizado pelos mesmos, sendo o pesquisador responsável por isso conforme a Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7.

Benefícios da pesquisa: A partir dos resultados poderemos identificar Os benefícios são de cunho social, justamente por se debruçar a procura dessa concepção de corpo influenciado pela cultura dessas modalidades, além de evidenciar o corpo da mulher amazônica e sua devida aceitação e oportunizar a aceitação de corpo nas práticas dessas.

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa. Também não há compensação financeira

(dinheiro) relacionada à sua participação. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

Para qualquer outra informação o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com os pesquisadores ou ainda com o comitê de ética em pesquisa/UFAM – Escola de Enfermagem de Manaus – rua teresina, 495, Adrianópolis, CEP: 69057- 070 - Manaus/AM - Fone (92) 3305-1181 Ramal 2004, email: cep@ufam.edu.br ou [cep.ufam@gmail.com](mailto:cep.ufam@gmail.com) O presente termo

foi elaborado em duas vias, cada participante receberá uma de acordo com item IV.3.f, IV.5.d, Resolução 466/12, a outra via ficará na posse dos pesquisadores.

---

Fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nenhum dinheiro e posso sair quando eu quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada que vou guardar.

\_\_\_\_\_ ou  
Data \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado (a)

\_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a)